

Arquiteto da literatura pós-moderna

Thomas Pynchon
transforma a paranoia
norte-americana em
extensas, divertidas
e fragmentadas
narrativas que cultivam
a descrença e exigem
atenção total dos leitores





EDITORIAL

O escritor norte-americano Thomas Pynchon, 80 anos, é considerado por não poucos leitores, escritores e críticos como um dos principais, talvez até o mais importante, autor vivo. Isso em âmbito mundial. A pós-modernidade literária se confunde com sua obra, há mais de meio século lida e cultuada em todo planeta.

Mas Pynchon não dá moleza para ninguém. Seus livros são calhamações de centenas de páginas, com centenas de personagens envolvidos em enredos absurdos e paranoicos, tão paranoica e absurda como é a realidade dos Estados Unidos, onde o autor nasceu, vive, escreve e se esconde de jornalistas e fotógrafos.

O escritor e jornalista Ronaldo Bressane assina uma ampla reportagem a respeito da produção do autor, legado que conta com 8 romances e uma coletânea de contos. Bressane entrevistou alguns dos profissionais que verteram a obra do norte-americano para o português, entre os quais Caetano Galindo, Jório Dauster, Paulo Henriques Britto e Matthew Shirts.

“Ele [Pynchon] percebeu o quanto de ridículo há no nosso trágico, e o quanto de trágico, no nosso ridículo. Percebeu o lugar da cultura pop no nosso refinamento, e também riu dele”, diz Caetano Galindo, tradutor de *Vício inerente*, um dos marcos da literatura pynchoniana. Paulo Henriques Britto, que traduziu *Mason & Dixon*, *Contra o dia*, *O arco-íris da gravidade* e *O último grito*, acrescenta: “O que eu acho particularmente interessante no Pynchon é ele conjugar elementos do alto modernismo, joyceanos, com coisas da cultura de massa — desenhos animados, quadinhos, pornografia”.

Bressane, por sua vez, alerta: “Se o Leitor vai à fonte da Literatura atrás de Cura, Pynchon só pode ser a suprema Doença. Mas uma Doença muuuuito divertida”. O especial ainda traz uma



Daniel Ramalho

série de curiosidades a respeito do autor, que dublou sua própria voz em dois episódios do desenho *Os Simpsons* e teve o Prêmio Pulitzer negado de última hora, em 1974, apesar de o livro *O arco-íris da gravidade* receber aprovação unânime da comissão julgadora.

Cândido 79 publica os melhores momentos da participação de Daniel Galera no projeto Um Escritor na Biblioteca. Durante o encontro, realizado em dezembro de 2017, Galera falou sobre o seu percurso de leitor e escritor, incluindo comentários a respeito dos romances *Barba ensopada de sangue* (2012) e *Meia-noite e vinte* (2016).

Outro destaque da edição é uma reportagem, de Cristiano Castilho, sobre o bom momento do departamento

de Letras da Universidade Federal do Paraná, referência nacional em tradução comprovada por meio de prêmios e da presença dos professores e alunos tradutores no mercado editorial.

Na quarta entrevista da série “Os Editores”, Luciana Villas-Boas [foto] faz uma análise do mercado editorial brasileiro, lembra os 17 anos em que atuou como diretora editorial da Record e comenta sua rotina de agente literária.

A seção Cliques em Curitiba apresenta o trabalho de Rafael Dabul e, entre os inéditos, contos de Cristhiano Aguiar e Wilson Alves-Bezerra e poemas de Maurício Arruda Mendonça e Sônia Barros, vencedora do Prêmio Paraná de Literatura 2017, que também concedeu uma entrevista ao **Cândido**.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski.

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiário:

João Lucas Dusi.

Diagramação:

Thapcom

Colaboradores desta edição:

André Ducci, Cristhiano Aguiar, Cristiano Castilho, Daniel Ramalho, Guilherme Paixão, Maurício Arruda Mendonça, Rafael Dabul, Ronaldo Bressane, Sônia Barros e Wilson Alves-Bezerra.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974

Acompanhe o Cândido pela internet:

candido.bpp.pr.gov.br e facebook.com/jornalcandido/

O site www.bpp.pr.gov.br e as redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram) divulgam informações sobre serviços e toda a programação da BPP.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

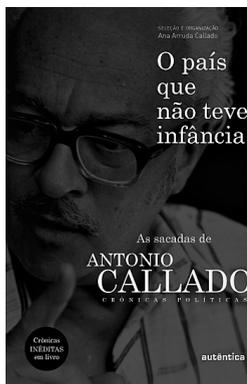
Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR
Horário de funcionamento:
segunda a sexta: 8h30 às 20h
Sábado: 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CÂNDIDO *indica*

O PAÍS QUE NÃO TEVE INFÂNCIA

**Antonio Callado,
Autêntica, 2017**



Nos estertores da ditadura militar, Antonio Callado (1917–1997) assinou uma coluna semanal, chamada “Sacada”, na revista *IstoÉ*. Oitenta e seis desses textos, inéditos em livro, foram publicados ano passado, pela Autêntica, em *O país que não teve infância*. O jornalista discutia os temas urgentes daquele período, que até parece que são os mesmos de 2018: impasses da educação, autoritarismo, questões indígenas e falta de rumo para o país. O texto do escritor, autor do romance *Quarup* (1967), é magistral. E, devido à fluência do discurso escrito e à capacidade de articular ideias, qualquer assunto se torna interessante, seja um encontro com amigos ou o relato de uma participação na Feira do Livro de Porto Alegre.

TYPOGRAPHO

**Ricardo Silvestrin,
Patuá, 2016**



Ricardo Silvestrin faz poemas a respeito de vários assuntos: plantação, frutas, dança, estações do ano, ovo, viagem, cigarro, silêncio, fotografia e festa. E, de modo geral, o poeta acerta a mão, a exemplo do que ele escreve, talvez involuntariamente, em “Hoje”: “Não é preciso dizer muita coisa,/ só a coisa certa./ A hora certa de dizer a coisa toda,/ a hora de ficar em silêncio.” Coloquial, melódica e imersa na realidade, a poesia de Silvestrin reunida neste *Typographo* também bebe no legado cultural grego, sempre reflexiva, mais questionadora do que conclusiva. Tudo isso pode ser conferido no texto poético “Como”: “Como se faz um poema? —/ alguém pergunta,/ Se eu soubesse,/ faria uma dúzia.”

MECÂNICA DOS FLUIDOS

**ReNato Bittencourt
Gomes, Imprensa
Oficial do Paraná, 2001**



Nascido em Telêmaco Borba (PR), ReNato Bittencourt Gomes morava no Rio de Janeiro quando estreou na literatura, com *Mecânica dos fluidos* — reunião de 22 contos. Naquele contexto, ele era revisor e revisou, entre outros títulos, *Gênio*, de Harold Bloom, com suas 828 páginas. Atualmente radicado em Curitiba, o escritor elaborou ótimas primeiras frases para o seu *debut*, o que se confirma em “Iniciação”: “Quando me foi dado te conhecer, eu era um bode velho, judiado, feito de incertezas”. “Uma senhora” também traz abertura instigante: “Já rolei por aí, conheci gentes e lugares, já estive com fêmeas de variadas configurações, incluindo o formato grande”. Não apenas os inícios, mas as narrativas como um todo possuem força, potência que se confirmou nos livros que publicou posteriormente.

EXTENSÃO DO DOMÍNIO DA LUTA

**Michel Houellebecq,
Editora Sulina, 2011**



“Não gosto deste mundo. Definitivamente, não gosto dele. A sociedade na qual vivo me desgosta.” É assim que, a certa altura de sua vida, o narrador-protagonista deste romance se expressa, já com o saco cheio de sua rotina tediosa de programador de sistemas de computador. Aos 32 anos e divorciado, o inominado anti-herói é conduzido por uma breve e tortuosa jornada de autodescoberta, passando por bebedeiras, dias enfadonhos de trabalho e relações mecânicas. Este que é o primeiro livro do francês Michel Houellebecq já explora os elementos e temas que tornariam o autor notório: cumplicidade entre forma e conteúdo, banalidades da vida, o tédio, invectivas contra o Islã, perversões sexuais e o desespere de ser humano.

MUITAS LÍNGUAS, UMA LÍNGUA: A TRAJETÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

**Domício Proença Filho,
2017, José Olympio**



Domício Proença Filho acaba de publicar um livro a respeito das origens e processos da língua falada no Brasil. A obra, de 672 páginas, percorre a história do idioma a partir de textos, literários ou não, poemas e cânticos africanos, entre outras fontes. Proença Filho pesquisou durante 15 anos para, enfim, escrever e finalizar o trabalho. De acordo com o também acadêmico e historiador Evaldo Cabral e Mello, “*Muitas línguas, uma língua* não se contenta com aqueles aspectos convencionalmente tratados nas obras brasileiras de linguística, mas examina de perto as relações da língua com a literatura, com o teatro e a música popular, com o papel do rádio e da televisão na difusão. A riqueza dos temas examinados não é a única surpresa agradável destas páginas, ilustradas por uma quantidade de textos da mais diversa origem”.

O SOM DO PASQUIM

**Organização: Tárík de
Souza, Desiderata, 2009**



Esta coletânea reúne 10 entrevistas com personalidades da música popular brasileira realizadas coletivamente pela equipe do jornal *O Pasquim*. Os encontros aconteceram durante a década de 1970 e alguns pontos de vista, como é o caso de Aguinaldo Timóteo, tiveram pedido de desculpas para esta edição. Em 1972, Timóteo “pichou” Caetano Veloso, Chico Buarque, Milton Nascimento e Tom Jobim. “Nos dias de hoje, eu jamais cometeria uma grosseria envolvendo Caetano Veloso”, retrata-se o entrevistado. Já as entrevistas com Caetano, Chico e Tom Jobim são irretocáveis, uma vez que ajudam a entender o projeto artístico e coerente deles. Moreira da Silva conta, por exemplo, que comprou “Na subida do morro”, de Geraldo Pereira, por “um conto e trezentos”. Há outras, muitas, revelações neste tesouro que é *O som do Pasquim*.



UM ESCRITOR NA BIBLIOTECA

Daniel Galera

DA REDAÇÃO

Nascido em São Paulo, em 1979, Daniel Galera cresceu em Porto Alegre, em uma família de leitores. Isso, segundo ele, foi determinante para que se tornasse escritor. “Lembro de ver meus pais lendo com frequência, comentando livros comigo”, diz o autor gaúcho, que encerrou a temporada 2017 do projeto Um Escritor na Biblioteca.

Galera estreou na ficção com o livro de contos *Dentes guardados* (2001), publicado pelo selo independente Livros do Mal, que criou com Daniel Pellizzari e Guilherme Pilla. Desde então, escreveu cinco romances: *Até o dia em que o cão morreu* (2003), *Mãos de cavalo* (2006), *Cordilheira* (2008), *Barba ensopada de sangue* (2012) e *Meia-noite e vinte* (2016).

O livro mais recente resgata episódios conhecidos da trajetória do autor, sendo o principal deles a experiência que teve com o fanzine digital *Cardoso Online*, que marcou a internet brasileira no final dos anos 1990. Apesar das passagens inspiradas na própria biografia, Galera não vê o romance como o mais “pessoal” que tenha escrito, refutando assim o rótulo de autoficção. “Não tento esconder essas semelhanças. Elas estão escancaradas. O livro é, biograficamente, bastante próximo dessa etapa da minha vida, mas eu não o acho um romance pessoal, porque as histórias desses personagens são bastante diferentes da minha.”

Meia-noite e vinte é o primeiro livro de Galera após o sucesso de *Barba ensopada de sangue*, romance que o escritor considera, em muitos sentidos, “o mais íntimo” que já escreveu. Durante a conversa, ele falou sobre o processo criativo do livro, quando foi morar em Garopaba, no litoral catarinense, como forma de imergir no cenário da trama. “Viver em Garopaba era estar pesquisando para o *Barba ensopada de sangue*, quase tudo que eu vivia era potencialmente pesquisa.” O projeto foi exitoso. Considerado o melhor livro autor, *Barba* venceu o prêmio São





Fotos: Kraw Penas

“Fui bastante influenciado pela literatura anglo-saxã.”

Paulo de Literatura 2013 e teve vendas acima da média para a ficção nacional.

No bate-papo mediado pelo jornalista e tradutor Christian Schwartz, o autor também fala sobre adaptações cinematográficas de seus livros (“Sempre me coloco à disposição para conversar com o diretor”), influências literárias (“David Foster Wallace é um dos autores mais importantes para mim nos últimos tempos”) e método de trabalho (“Costumo fazer bastante pesquisa para todos os meus livros”). Confira os principais trechos da conversa.

Formação

A biblioteca mais importante para mim, sem dúvida, não foi do colégio nem da universidade, mas sim a biblioteca dos meus pais, em casa. Tive a sorte de, quando criança e adolescente, viver em uma casa com pais que eram leitores frequentes. Nenhum deles é da área de literatura, jornalismo, nada assim, mas leem bastante. Então, desde que sou pequeno, lembro das estantes, das prateleiras de livros cheias. Lembro de ver meus pais lendo com frequência, comentando livros comigo. Se sou escritor hoje, é por causa desse envolvimento bem inicial, na minha vida, com livros.

Experiências de vida

Li na adolescência alguns autores que me marcaram, como João Gilberto Noll e Philip Roth. Esses livros eram dos meus pais. Desde pequeno aprendi a ver os livros como um portal de acesso a não só o conhecimento, mas também a experiências e vivências. Meu interesse por livros está totalmente vinculado a isso. Essa biblioteca familiar, digamos assim, foi a mais importante para mim.

Influências

Antes mesmo de começar a escrever, aos 17 anos, fui bastante influenciado pela literatura anglo-saxã. Quando comecei, minha matriz narrativa eram autores como Philip Roth e Ian McEwan. No Brasil, Luiz Vilela e o Sérgio Faraco eram dois autores que eu admirava muito, pois apresentavam uma narrativa realista, seca, com diálogos muito bons. Digamos que, no início, aderi a esse realismo de matriz anglo-saxã. E isso acabou influenciando tudo que escrevi ao longo da minha carreira. Mas é evidente que eu gostava de ler outras coisas também. Sempre gostei de ler literatura policial, literatura de horror, alguma coisa de ficção científica, gêneros menos realistas. Ou que usam um estilo realista para tratar de situações irreais, inverossímeis.

Gestor

Tive uma passagem, muito breve, atuando como Coordenador do Livro na Secretaria de Cultura de Porto Alegre. Fiquei só 4 ou 5 meses no cargo. A sede da Coordenação do Livro fica na Biblioteca Pública Josué Guimarães. Embora não tenha tido tempo de fazer muita coisa, conheci um pouco como a biblioteca funcionava. A limitação da verba foi uma coisa que senti na pele naquele momento, porque entrei cheio de sonhos, pensando em renovar o acervo, comprar livros novos, etc. E aí vi a absurda dificuldade de sequer fazer uma compra de livros. E como livro é caro e não existia dinheiro, não consegui comprar nada nesses meses em que eu estava lá. Ali vi o drama que é manter um acervo atualizado. Isso me mostrou como é importante a doação de livros. Doar não só livros velhos, mas às vezes um livro novo que você leu e não sente necessidade de guardar.

Meia-noite e vinte

São quatro personagens fictícios que estão atuando e ocupando papéis que equivalem àquilo que eu e amigos meus fazíamos na Porto Alegre do final dos anos 1990. A jogada é um pouco essa. O livro é bastante ancorado no ambiente cultural, de festas e fanzines eletrônicos da capital gaúcha, que era o meu ecossistema na época. São personagens que estudavam em cursos de comunicação, eram escritores, enfim... Não tento esconder essas semelhanças. Elas estão escancaradas. Eles escreviam um fanzine eletrônico chamado *Orangotango*, que é claramente uma cópia ficcional do *Cardoso Online*, do qual participei. Mas eles são inventados. O livro é, biograficamente, >>>

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA



bastante próximo dessa etapa da minha vida, mas eu não o acho um livro pessoal, porque as histórias desses personagens são bastante diferentes da minha. Meu interesse era fazer uma espécie de análise de como as expectativas, sonhos e ideais da minha geração bateram de frente com a passagem do tempo até o momento recente. Mas fazer isso através de personagens que foram inventados, e de uma história que é majoritariamente fictícia. É um livro em que poucas coisas que são narradas de fato aconteceram. Por outro lado, *Barba ensopada de sangue*, que se passa em uma cidade onde morei pouco tem-

po, com um personagem bastante diferente de mim, é um romance muito mais íntimo e pessoal, em vários sentidos, do que *Meia-noite e vinte*.

Pesquisa

Costumo fazer bastante pesquisa para todos os meus livros. Cada um exige uma quantidade e um tipo diferente de pesquisa. É uma etapa do traba-

lho que me interessa, em que me divirto e sinto prazer. Não faço muita pesquisa bibliográfica ou histórica, até porque o tipo de livro que escrevo acaba não pedindo isso. Mas procuro me informar sobre tudo que vai entrar na história, de uma maneira ou outra, coisas que sinto não dominar, ou não saber o suficiente. É o exercício da curiosidade saudável e necessária para poder escrever ficção.

Barba ensopada

No caso do *Barba ensopada de sangue*, não morei muito tempo em Garopaba [no litoral catarinense], apenas um ano e meio, mas foi uma vivência bem específica; porque assim como o personagem do livro, eu era um forasteiro. Já havia visitado o lugar como turista algumas vezes, mas fui morar lá sem nenhum motivo específico fora o desejo de ter uma experiência diferente. Cheguei lá sem conhecer ninguém, não tinha nenhum amigo na cidade, não tinha onde morar. Então foi muito intenso. E a invenção do livro se confundiu com minha experiência de viver e ter experiências na cidade. Viver em Garopaba era estar pesquisando para o *Barba ensopada de sangue*, quase tudo que eu vivia era potencialmente pesquisa. E nessa época eu estava numa espécie de período sabático: não tinha um trabalho que me tomava muito tempo. Fiz algumas traduções, escrevia algumas coisas, mas basicamente estava com o tempo livre. Tinha muito tempo para ficar lendo e pensando no romance que queria escrever.

Cordilheira

A história da pesquisa para o *Cordilheira* é bem diferente. O projeto Amores Expressos enviou autores para diversas cidades do mundo. O convite já veio com a cidade e acabei indo para Buenos Aires. Não gostei muito, porque Buenos Aires não é tão diferente de Porto Alegre. Enfim, eu desejava ir pra um lugar em que teria uma experiência de vida diferente culturalmente da minha. Não conhecia Buenos Aires, na verdade, nunca tinha ido. E fui passar esse mês lá. Eu já estava começando a pensar em escrever o livro que se tornaria o *Cordilheira*, já tinha as linhas bá-



sicas do romance, uma ideia esboçada, sabia quem era o protagonista, etc. Então comecei a imaginar aqueles personagens, aquelas situações que já estavam esboçadas, em Buenos Aires. E tudo acabou se encaixando. Algumas coisas eu já levei prontas, outras acabaram entrando no livro por causa do meu mês vivido na cidade. Mas a minha experiência lá foi bem esquisita. Não foi um lugar que escolhi ir. Curiosamente, apesar de eu ter uma proximidade com a cultura da cidade por ser de Porto Alegre, não me senti entrosado com Buenos Aires, que não me despertou nenhuma paixão ou curiosidade específica. Me senti pres-

tionado para me encantar com o lugar. Foi uma coisa que me preocupou e comecei a ficar um pouco ansioso. Acho que isso transparece um pouco no romance. Fiz o possível para viver experiências variadas lá, para conhecer tudo que pudesse. Mas esse período na Argentina foi um dos meses menos felizes da minha vida, com certeza. Foi um mês bastante enfadonho e tenso. >>>

Voz feminina

Até a experiência do *Cordilheira*, escrever sob a perspectiva de um personagem homem ou mulher não era uma questão muito importante para mim. Mas nesse livro decidi que a personagem seria uma mulher, então já fiquei um pouco atento para ver se haveria algo diferente a ser praticado. E no início, a narrativa era em terceira pessoa. A terceira pessoa já permite um distanciamento um pouco maior do personagem. Mas o livro não estava funcionando em terceira, e só quando eu arrisquei reiniciar ele em primeira pessoa é que a escrita deslanchou. Aí vi que o livro teria que ser escrito em primeira pessoa do ponto de vista da Anita, a personagem principal. Isso requer que a gente esteja constantemente entrando na cabeça do personagem, expondo o que ela está pensando. A terceira pessoa te permite driblar isso. Então ali eu fiquei atento. Pensei: bom, aqui talvez eu tenha um desafio que ainda não enfrentei de fato. No início isso me assustou, tive dificuldades, achando que não estava dando certo. Mas o meu *insight* na época foi que não era para ser difícil. E escrever do ponto de vista de uma mulher é praticar um exercício de imaginação, de alteridade que não é diferente, em essência, de escrever sobre qualquer outro personagem que é diferente de mim. Seja um homem de outra classe social ou com uma história de vida muito diferente da minha.

Reações

Esse livro, por várias razões, divide os leitores. É o meu romance que mais tem detratores. Já ouvi de tudo a respeito dele, de leitores homens e mulheres. Pessoas dizendo que é absurdamente inverossímil e odioso. Mas também mulheres já me falaram que o livro é perfeito. Então, que instrumento eu tenho para decidir qual desses leitores está certo? Não existe isso. Acho interessante que ele crie essas reações muito diferentes, essas divisões. No fim, é por isso que eu gosto do livro hoje em dia. Gosto de ter feito essas pequenas experiências, ter corrido alguns riscos e ver a reação que isso acaba causando nos leitores.

Relação indireta

Os autores que me influenciaram não têm, necessariamente, uma escrita parecida com a minha. Essa relação muitas vezes é indireta. Por exemplo, no Brasil o João Gilberto Noll e a Hilda Hilst são, possivelmente, meus autores favoritos, junto com Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e o Luiz Vilela. Mas foram autores que li em certo momento e depois parei de ler. O que escrevo tem pouco a ver, à primeira vista, com o que a

Hilda Hilst escreveu. Acho que o Noll até me influenciou um pouco mais. No romance *Até o dia em que o cão morreu* dá pra ver um pouco, talvez, a visão e a postura dos personagens do Noll. Talvez. Mas a linguagem do Noll é muito diferente da minha, e no entanto ele é até hoje um dos autores brasileiros que mais leio e releio. Então, às vezes é isso: os autores que a gente mais gosta não se relacionam diretamente com que a gente escreve.

Wallace e McCarthy

O David Foster Wallace é um dos autores mais importantes para mim nos últimos tempos. O Cormac McCarthy, que é um outro escritor americano — que não é exatamente realista; ele é um autor cujo realismo transborda numa coisa fantasiosa, gótica, ultraviolenta, que não tem nada de realista — é um autor que me fascina profundamente. Li tudo o que ele escreveu, cada palavra, todos os livros, as peças de teatro, roteiros de cinema. É um autor que me encanta profundamente, influenciou bastante a narrativa do *Barba ensopada de sangue*.

Cinema

Não me envolvo muito quando um livro meu está sendo adaptado para o cinema. Sempre me coloco à disposição para conversar com o diretor. No caso de *Até o dia em que o cão morreu*, a gente fez até uma leitura coletiva do livro — o diretor, roteiristas e eu. Mas isso vai até um certo ponto, porque o diretor é um autor também. Não é uma pessoa que eu contratei para fazer uma versão fiel do meu livro para o cinema. Não é essa a dinâmica de uma adaptação cinematográfica. A dinâmica é que alguém leu meu livro e, junto com ou-

tros profissionais, começam a imaginar uma história audiovisual, em forma de longa, de curta, seja o que for. É a leitura deles do livro, é a imaginação deles. A visão de mundo, experiência e linguagem deles vai ser acoplada à essa história que inicialmente era minha. E a adaptação não é minha. Então eu não tento me envolver nos projetos como se a minha opinião, ou a minha posição, importasse mais do que ela realmente importa. Com base nos projetos que já foram concretizados, minha experiência é justamente essa: os diretores gostam de conversar comigo, às vezes mandam um tratamento qualquer do roteiro, eu vou lá, leio, faço todas minhas observações, elogio o que eu acho legal, dou sugestão no que acho ruim. Eles escutam, dizem “ah, beleza”, mas no fim minha opinião é uma das últimas que importa. O que eu reclamo nunca é levado em conta, o que eu acho legal é mudado depois.

Adaptação do Barba

No caso do *Barba ensopada de sangue*, acho que tem tudo pra ser um filme muito bom. Conheço o trabalho do Aly Muritiba [que vai dirigir o longa] e acho muito bom. Eu o achei um sujeito interessante. As conversas que tivemos foram ótimas. E sei que ele é apaixonado pelo material. Mas é isso. Como vai ser o filme? Não sei. Então essas perguntas de como essa adaptação pode ficar, como ela deveria ser feita, elas devem ser dirigidas a ele. E não a mim.

Cardoso Online

O contexto em que aconteceu o *Cardoso Online* e outros fanzines digitais daquela época — e a própria editora Livros do Mal —, era bem específico. O principal acontecimento é que a



internet era uma coisa nova. Esses projetos eram frutos de um mundo que estava conhecendo a internet, descobrindo o que fazer com ela. E mais que isso: era outra internet. Era muito diferente do que a internet é hoje. Isso é uma coisa que é comentada em *Meia-noite e vinte* pelos personagens. Hoje a gente tem uma miríade de pequenas editoras que são muito legais. Tem também algum tipo de produção de narrativa digital. Mas o impulso da experiência de coisas novas com esses meios não é uma coisa tão forte agora quanto era naquela época. Talvez isso volte em algum momento. Hoje as editoras estão dando ênfase a outros aspectos, como escolha de papel, capa, distribuição, projetos gráficos. E com muita criatividade, inclusive às vezes voltando atrás e investindo em técnicas mais artesanais. Isso é uma coisa deste momento, esse retorno a coisas artesanais que a gente vê na cultura como um todo também pega um pouco o objeto livro. É algo mais forte hoje do que na época da *Livros do Mal*, por exemplo. Naquele período a discussão era “o que a internet está fazendo com as narrativas, com a cabeça das pessoas?” Hoje em dia isso já não é discutido, pois a internet já não serve muito para publicar. Pouca gente almeja fazer um projeto para publicar na internet. As pessoas usam as redes sociais para divulgar o que fazem, publicam um texto aqui, outro ali, algumas revistas digitais importantes ainda existem, mas não é mais aquele campo aberto de experimentação que as pessoas estão tentando alargar para ver o que sai. Acho que nisso deu uma regredida. A internet e o meio editorial hoje são um pouco mais conservadores nesse sentido, mas, por outro lado, são mais exploradores em outros aspectos. ■

Karina Kranz Sabbag



Oásis da tradução

Uma confluência de fatores — acadêmicos e casuais — fez do departamento de Letras da Universidade Federal do Paraná uma referência na formação de tradutores, que com prêmios e trabalhos de fôlego estreitaram os laços entre a universidade e o mercado editorial

Prédio em que funciona o curso de Letras da Universidade Federal do Paraná, no centro de Curitiba.

Não é tão pop quanto Karol Conka. Nem tão discreto quanto Dalton Trevisan. Mas o que está acontecendo nos corredores do departamento de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR) vem chamando a atenção do mercado editorial brasileiro.

Desde 2012, após a tradução de *Ulysses*, de James Joyce, feita por Caetano Galindo, professor de Linguística da UFPR, uma série de tradutores ligados à principal universidade do Estado tem se destacado. Um bom exemplo é o poeta e professor de Língua e Literatura Latina Guilherme Gontijo Flores. Ele venceu, em 2013 e 2014, respectivamente, os prêmios APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e Jabuti de tradução por *Anatomia da melancolia*, de Robert Burton (1577–1640). No apagar das luzes de 2017, ganhou mais uma vez o APCA, dessa vez por seu trabalho em *Fragmentos completos*, da poeta grega Safo, que viveu entre os séculos VII e VI a.C..

A investigação sobre os triunfos recentes na área encontra explicação parcial na sinergia e na camaradagem que há no grupo de professores envolvidos. Por exemplo: o projeto de Burton chegou até Gontijo por indicação de Galindo. Uma coisa puxa a outra, e os envolvidos trocam trechos de traduções em progresso entre si. “Já fizemos até tradução coletiva, a dez mãos”, lembra Gontijo, que pontua os louros com dois palpites. “O primeiro é uma coincidência feliz: pessoas interessadas no assunto que se encontraram por acaso (ou não). A outra é a valorização da figura do tradutor. Antes, pensava-se menos sobre o assunto. Hoje há mais visibilidade,” diz Gontijo, autor do livro de poemas *Brasa enganosa* (Patuá, 2013), que ficou entre os finalistas do prê->>>

Maurício Cardozo é o coordenador da área de Estudos da Tradução do curso de Letras da UFPR desde 2001. Segundo seus colegas, um dos responsáveis pela “era de ouro da tradução” na universidade.



Divulgação

mio Portugal Telecom (atual Oceanos).

A popularização da figura do tradutor encontra em Gontijo um bom exemplo. Ele é um dos integrantes do grupo Pecora Loca, que faz “performances de tradução” em eventos e sa-raus. Cervejinha, música e canções estão no cardápio. “É uma função importante para desmistificar o conceito de tradução e o tradutor”, explica o brasiliense, que atualmente se dedica à tradução da obra completa de Quinto Horácio Flaco (65 a.C — 8 a.C), poeta e filósofo romano.

Para Sandra Stroparo, professora de Literatura Brasileira e Teoria Literária da UFPR desde 1998, seria “bairrismo” entender a cidade, em si, como causa da proliferação de bons traduto-

res. “Esta história está acontecendo aqui neste momento porque pessoas de diversos locais, que gostam do que estão fazendo, se encontraram”, diz Sandra, tradutora de *Axël*, de Auguste Villiers de L’Isle-Adam (1838-1889).

Professor do departamento de Polonês, Alemão e Letras Clássicas há 25 anos, Paulo Soethe é um notório pesquisador da obra de Thomas Mann — ele assina o posfácio da nova versão do romance, feita por Herbert Caro, publicada em 2016. Pelas suas realizações acadêmicas, recebeu em 2015 o Prêmio Jacob und Wilhelm-Grimm do DAAD — Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico. Foi a primeira vez que um latino-americano foi contemplado. >>>

“É um momento muito feliz para a universidade porque ela sai de uma certa condição provinciana, ou periférica, em que estava”, Paulo Soethe, professor do departamento de Polonês, Alemão e Letras Clássicas da UFPR.

A FILA ANDA

O que mais impressiona na chamada “era de ouro da tradução” é sua continuidade, natural e efetiva. Veja o caso de Emanuela Siqueira, de 31 anos. Mestranda em Estudos Literários na UFPR, ela traduziu seis ensaios de Virginia Woolf (1882-1941). Os textos inéditos fazem parte da coleção *Leia Mulheres* e serão publicados pela editora Arte & Letra. Emanuela estuda inglês desde criança, e já se envolveu com a tradução em diferentes formas — legendas e quadrinhos entre elas. “Comecei a ‘brincar’ mais com literatura em 2013, quando pesquisei sobre escritoras da geração *beat*. Faço parte de uma vertente que pensa a questão de gênero também na tradução”, diz Emanuela. Ela destaca o estudo “penoso” para trabalhar profissionalmente no meio e o laboratório de prática de tradução da UFPR como características marcantes. O e-mail e a internet a ajudam no processo. “Discordo que seja um trabalho solitário. Meu trabalho é muito coletivo”. Emanuela não vê perspectiva, ao menos por enquanto, de viver de tradução — “paga-se muito mal pelo tempo que você trabalha num livro.” Mas seu entendimento sobre tradução, atual e humanista, certamente lhe abrirá portas. “Para mim é meio utopia, mas o fato de você tornar acessível e disponível um texto que muitas pessoas não leriam é gratificante.” Outro exemplo da renovação de tradutores da UFPR é Angelica Neri. Aos 25 anos, a mestranda em tradução trabalha num projeto ousado: a tradução de todas as versões disponíveis dos poemas do austríaco Georg Trakl (1887-1914), a ser publicado pela Editora da UFPR. “A área de tradução aqui é muito forte. São poucos os cursos voltados para o mercado de trabalho como o que há na UFPR, que alia teoria e prática. O tradutor sempre foi uma figura relegada, meio apagada. Isto, felizmente, está mudando”, diz.

REPORTAGEM

Kraw Penas

“Acho que há uma confluência de fatores que explica este pequeno oásis. Temos muita sorte de termos colegas que se formaram na UFPR e são, digamos, da ‘cena’ de Curitiba. Outras pessoas vieram de fora e se agregaram a esse time. É um momento muito feliz para a universidade porque ela sai de uma certa condição provinciana, ou periférica, em que estava. A área de Letras é uma das melhores do país há muitos anos. O sucesso me parece uma consequência disso”, diz Soethe, que cita ainda os tradutores e professores da UFPR Marcelo Paiva de Souza e Piotr Kalinowski — este responsável por verter a poesia de Paulo Leminski para o polonês — como integrantes desta plêiade moderna.

A continuação de sua explicação encontra suporte no profundo e abrangente caldo cultural curitibano. “Neste momento de globalização, temos essa característica: a cidade valorizando naturalmente suas essências multiétnicas, como se reencontrasse, na tradução, com imigrantes dos países que a formaram. Isso reverbera.” Eventos acadêmicos diversos, como oficinas de tradução e colóquios promovidos pela UFPR nos últimos anos, também colaboram para aumentar o interesse e a divulgação do trabalho realizado na Reitoria (campus onde funciona o departamento de Letras), de acordo com o professor.

Para Caetano Galindo, existe incontestavelmente uma era de ouro na tradução da UFPR, que envolve Curitiba e o Brasil. “Há uma geração inédita e multilíngue de acadêmicos, o que gera um padrão de qualidade e um volume de produção nunca antes visto. Fora isso, tem a internet. Não é mais relevante o local onde está o tradutor e a editora. Isso mudou completamente o mercado e abriu possibilidades”.



Sandra Stroparo é professora de Literatura Brasileira e Teoria Literária desde 1998. Para ela, o encontro de pessoas de diversos locais, não só de Curitiba ou do Paraná, que gostam do que estão fazendo, ajuda a entender o bom momento da tradução na UFPR.

O estopim

Maurício Cardozo entrou na UFPR em 1997. Naquela época, discutia-se uma reforma do curso de Letras. Aproveitando a deixa, o primeiro ato de Cardozo na universidade foi sugerir à coordenação do curso uma matéria optativa de tradução — termômetro que provou o que se pensava. “Bombou”, diz o tradutor de Theodoro Storm (1817—1888). “Quando saiu a reforma do curso, em 2001, incluímos no bacharelado um perfil formativo em tradução. Muita gente se interessou e ajudou a institucionalizar o curso. Deu muito certo. Não movimentou multidões como filmes do Brad Pitt, mas tem uma demanda constante desde então”, brinca Cardozo, que, citado unanimemente por todos os entrevistados para esta reportagem, pode ser considerado como “o pai da criança”. Há mais de 15 anos, com “algumas interrupções”, ele coordena a área de Estudos da Tradução na Federal do Paraná.

O curso foi instituído em 2001 e, hoje, um terço de todo o contingente de alunos de Letras frequenta as disciplinas ministradas por lá. “Foi uma iniciativa decisiva para catalisar o interesse. Outro ponto importante é o espaço na Editora UFPR para a tradução, ainda sob a batuta de Luís Bueno. Isso alavancou a carreira de muita gente. Aí vieram gerações de alunos-tradutores, e o caso de Adriano Scandolaro [poeta e tradutor do britânico Percy Bysshe Shelley (1792-1822)] é o mais exemplar”, discorre Cardozo. “Todo mundo vai ouvir falar dessa galera também”, prevê o tradutor da autobiografia de Johann Wolf-

gang von Goethe, *De minha vida: poesia e verdade* (Editora Unesp).

A receita do sucesso? Um curso teórico, mas com disciplinas práticas de tradução e crítica, em que se trabalham trechos de obras em busca da melhor receita possível para a versão em português. Em resumo, proporcionar um jogo de cintura aos alunos que, recentemente, tendem a prosseguir no mundo acadêmico após o bacharelado em Tradução.

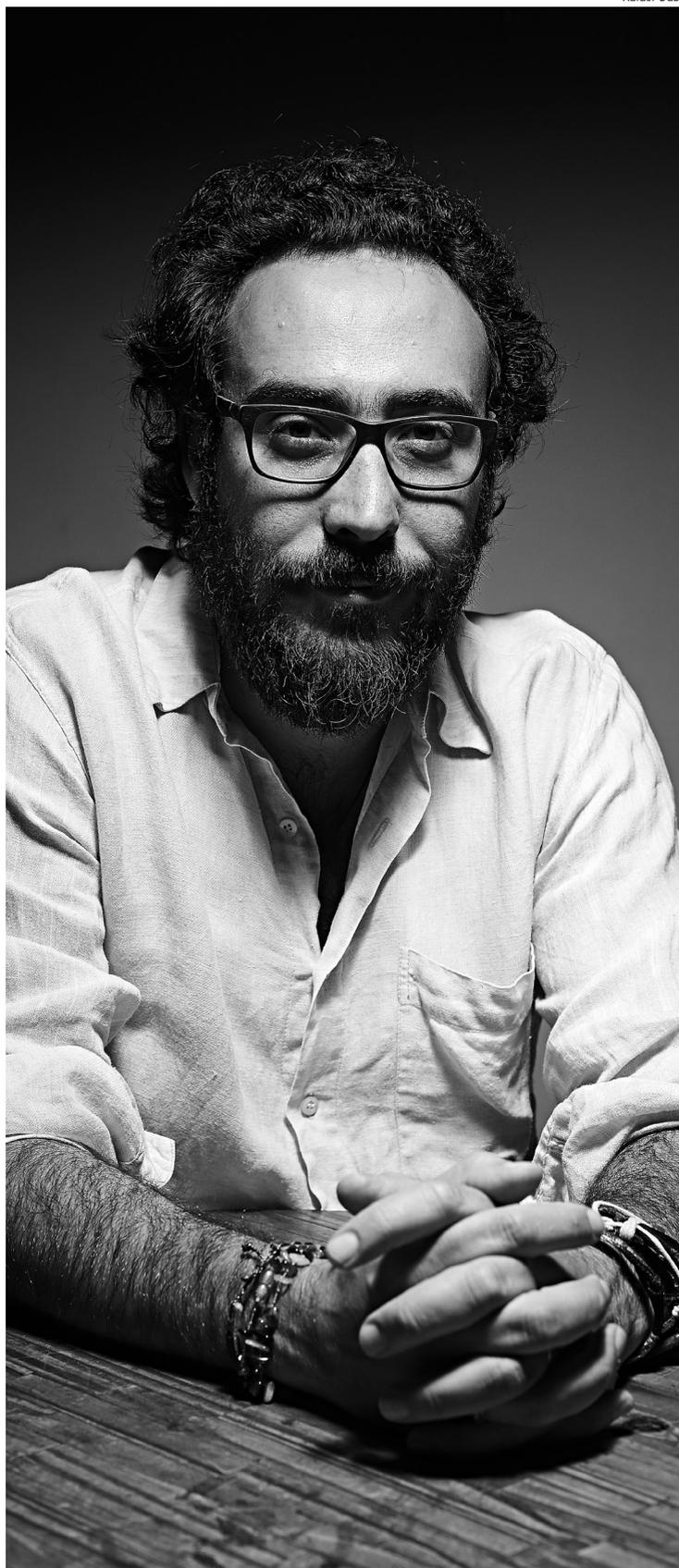
Antes da criação do curso, ainda nos anos 1990, havia um espaço físico na UFPR dedicado à tradução. Um núcleo, digamos, já extinto. “Tinha uma sala. Era um espaço para conversas e leituras, como um escritório de criação. Foi importante porque agregou gente que tinha interesse por tradução. Um espaço herdeiro disso, hoje, é o laboratório de teoria e crítica de tradução literária”, conta Cardozo.

Vitrine

A era de ouro da tradução na UFPR naturalmente atrai a atenção de editoras diversas. “Estão nos olhando de fora agora”, comemora Cardozo. “Há muita gente com trabalho sério e talentoso que conseguiu destaque nacional, e outros que ainda não caíram nessas graças [do mercado]. Um exemplo nosso é Luci Collin.” A contista, poeta, professora e musicista curitibana traduziu, entre outros, Gary Snyder, Gertrude Stein e E. E. Cummings.

Guilherme Gontijo Flores diz que a praxe de grandes editoras era a procura por tradutores de São Paulo e do Rio de Janeiro. “Curitiba vivia, ou vive, ilhada por uma questão geográfica. Mas os sucessos recentes e as indicações entre nós mesmos criaram um outro paradigma. Vamos ver até onde vai.” ■

Com vários prêmios por suas traduções, Guilherme Gontijo Flores também é poeta e um dos integrantes do Pecora Loca, grupo que faz “performances de tradução”.



Rafael Dabul

EDITORA UFPR PREPARA TEXTOS INÉDITOS

A Editora UFPR prepara o lançamento de uma coleção de 20 volumes com tradução de textos históricos sobre teatro. Vários professores da universidade estão imersos no trabalho que envolve obras de Sêneca, Anne Carson e Thomas Bernhard, entre outros autores.

“A coleção foi aprovada no nosso conselho editorial, e o foco é a tentativa de preencher uma lacuna no mercado quando se trata de peças teatrais”, diz o diretor da Editora UFPR, Rodrigo Tadeu Gonçalves. A previsão é que o lançamento ocorra no começo de 2018. Sobre o momento singular da tradução na UFPR, Rodrigo entende que há uma retroalimentação do interesse, que passa por alunos que se tornam professores. Além, claro, da institucionalização do curso em 2001.

“Curitiba vivia, ou vive, ilhada por uma questão geográfica. Mas os sucessos recentes e as indicações entre nós mesmos criaram um outro paradigma”, Guilherme Gontijo Flores, professor de Língua e Literatura Latina.

“Continuam me interessando as pequenas coisas”

DA REDAÇÃO

Sônia Barros foi a vencedora do Prêmio Paraná de Literatura 2017 na categoria Poesia (Prêmio Helena Kolody), com o livro *Tempo de dentro*. Nesta entrevista, a autora nascida em Monte Mor (SP) fala sobre o processo criativo da obra, que “faz uma revisitação do passado através da memória”. Ela também cita as transformações de sua escrita desde 2014, quando venceu pela primeira vez o Prêmio Paraná, com a coletânea *Fios*.

“Acredito que houve mudanças no meu fazer poético assim como no meu pensar-viver, já que são indissociáveis. Os temas não mudaram muito desde os livros anteriores. Continuam me interessando as pequenas coisas, os acontecimentos aparentemente sem importância, o prosaico, e, sobretudo, as pessoas anônimas”, diz.

Além de poeta, Sônia também tem uma extensa trajetória na literatura infantojuvenil — são 18 títulos para crianças e adolescentes. Um de seus trabalhos mais recentes no gênero, o livro *Tatu-balão*, foi distribuído para mais de 2 milhões de leitores, que tiveram acesso à obra por meio da campanha “leia para uma criança”, da Fundação Social Itaú. Confira a entrevista.

Os poemas de *Tempo de dentro* foram escritos entre 2014 e 2017. Fale um pouco do processo de criação dos textos.

Alguns poemas nasceram antes desse período, mas ficaram de fora do livro anterior, *Fios*, publicado em 2014. Percebi que poderiam vir a compor outro conjunto quando me dei conta de que um mesmo tema, uma espécie de eixo, os aproximava: a questão do tempo, tanto o cronológico quanto o memorativo. Um dos poemas, inclusive, dialoga com alguns versos que escrevi em 1986, aos 18 anos. A maioria, porém, foi nascendo entre agosto de 2014 e agosto de 2017. Meu processo de criação é lento, e com esse livro não foi diferente. A partir de uma ideia, imagem ou acontecimento, mas sempre algo que me espanta ou me comove e que deflagra o poema, escrevo e reescrevo diversas vezes, numa construção que chega a ser obsessiva. Apesar da aparente liberdade, tenho um compromisso com a linguagem, com a palavra, desejando fazer de cada poema um retrato. Quase sempre de coisas mínimas do cotidiano. Recortes de mundos interiores e exteriores. De mim mesma e, principalmente, do outro. Depois me afasto por alguns dias, semanas, ou meses. Até que a poesia me chama novamente e respondo como se recomeçasse. Muitas vezes, me sinto insegura e tenho dúvidas



Divulgação

quanto à minha voz poética. Aliás, foi num momento de crise e incertezas que escrevi o poema *Peixe sem guelras*, que está na segunda parte de *Tempo de dentro*. Depois vivi um período de seca, como dizia o poeta Donizete Galvão, com quem muito aprendi sobre poesia e para quem dediquei *Fios*. Foi só depois da generosa leitura e estímulo que recebi do poeta Armando Freitas Filho, a quem sou imensamente grata, que decidi retomar e concluir *Tempo de dentro*.

Como o nome da obra sugere, este livro é sobre a passagem do tempo?

Sim, embora vários poemas tratem de temas distintos, a questão do tempo tem me interessado cada vez mais (talvez por eu estar chegando aos 50 anos) e acabou se impondo durante o processo de criação desse meu terceiro livro. Em *Fios* também aparecem poemas que se ancoram na memória, como observou o crítico André Seffrin na orelha que faz a apresentação do livro. Mas o enfoque foi um pouco diferente. *Tempo de dentro* faz uma revisitação do passado através da memória, porém, sem aquele saudosismo como fuga do presente ou mesmo de um futuro sem perspectivas. Ao contrário, o presente e o futuro se formam justamente nesse prolongamento do passado revisitado pela memória, considerando a duração interior como uma transformação contínua. Por isso escolhi as epígrafes, extraídas de duas obras que me marcaram nos últimos anos: *Memória e sociedade*, de Ecléa Bosi, e *Memória e vida*, de Henri Bergson.

Você propõe uma diagramação diferente para alguns poemas do livro. Como essa disposição interage com o texto?

Embora minha poesia se aproxime da narrativa, num tom conversacional, e, na maioria das vezes, eu escreva versos livres, os cortes não são aleatórios. A partir do sentido e da sonoridade, sinto que alguns poemas pedem uma quebra, às vezes brusca, numa espécie de queda, levando o leitor (e, às vezes, a mim mesma) ao inusitado. Daí o uso do *enjambement*. Além da sonoridade aprecio a plasticidade do poema, o modo como as palavras que o formam são dispostas na página. É tento fazer de maneira intuitiva (mas não instintiva) com que acompanhem o ritmo e a respiração de cada verso, o an-

damento (como numa partitura musical) e suas pausas. Também semeio espaços para dar voz ao silêncio. E, quem sabe, voz ao pensamento e à emoção do leitor, numa tentativa de lhe estender uma ponte. Pois, como dizia Cecília Meireles: “Tenho medo da literatura que é só literatura e que não tenta comunicar”.

Em 2016 você lançou um novo livro para o público infantil. Como anda sua carreira de autora infantojuvenil?

Além de escrever, visito escolas e participo de feiras literárias em todo o Brasil. Tem sido muito enriquecedor esse encontro com leitores e educadores. Em 20 anos de carreira publiquei 21 livros, sendo 18 para crianças e adolescentes. Mais da metade é de poesia. Muitos foram transcritos para o braille e alguns adaptados para o teatro. O infantil *Tatu-balão*, editora Aletria, com ilustrações de Simone Matias, foi selecionado para a campanha “leia para uma criança”, da Fundação Social do Itaú, o que deu ao livro uma enorme visibilidade devido à distribuição gratuita para mais de dois milhões de leitores. *Tatu-balão* também recebeu o selo Altamente Recomendável da FNLIJ em 2015. Em 2016, pela mesma editora, publiquei *Nas asas do haicai*, um infantil com desenhos de Ângela Lago, que, infelizmente, faleceu em outubro passado. Ter um livro ilustrado por essa excepcional artista (e também poeta) foi um presente especial na minha vida e na minha carreira. Outra pessoa que faleceu recentemente, e que muito me ajudou na arte de escrever para crianças, foi a escritora Fanny Abramovich, para quem dediquei *Nas asas do haicai*, e também este *Tempo de dentro*.

Esta é a segunda vez que você vence o Prêmio Paraná de Literatu-

ra. Que comparação é possível fazer entre *Fios* (que ganhou em 2014) e este *Tempo de dentro*?

Foi uma surpresa imensa vencer, pela segunda vez, esse prêmio que considero tão importante. Revivi a emoção que a escolha de *Fios*, em 2014, havia me proporcionado. Quanto à comparação entre os dois livros, vejo algumas semelhanças, por exemplo, na recorrência de certos temas: passagem do tempo; maternidade; infância; velhice; solidão; metapoemas; diálogos com as artes plásticas, com o cinema, com a música e com a obra de outros escritores. Vejo também diferenças: apesar de continuar buscando concisão e precisão, os poemas de *Tempo de dentro* me exigiram um fôlego maior, talvez por serem de caráter mais reflexivo que os de *Fios*; também me dediquei ao exercício da métrica e da rima, inclusive com sonetos (em decassílabos e em redondilha maior). Mas acho difícil fazer uma leitura crítica de meu próprio trabalho, ou uma análise comparativa entre dois de meus livros. Afinal, o escritor não é seu melhor leitor.

E em relação a você, como poeta, o que mudou de lá para cá?

Aproveito o tema de *Tempo de dentro* para refletir sobre essa questão. Acredito que houve mudanças no meu fazer poético assim como no meu pensar-viver, já que são indissociáveis. As leituras que fiz, as pessoas que conheci, as situações pelas quais passei, os lugares onde estive, tudo isso vem conduzindo meu olhar e minha voz. Na verdade, os temas não mudaram muito desde os livros anteriores. Continuam me interessando as pequenas coisas, os acontecimentos aparentemente sem importância, o prosaico, e, sobretudo, as pessoas anônimas. Sinto, cada vez mais, que a literatura tem o poder de iluminar, e, sem cair no panfletário, oferecer esperança e possibilidades de resistência e transformação. Pensando nisso, inclusive, nasceu o poema *Há em mim mulheres*, não por acaso dedicado à escritora Maria Valéria Rezende. E eu acredito nisso, nesse poder da literatura, por causa da minha história de vida. A adoção me salvou da miséria extrema, mas, nem por isso, me ofereceu facilidades, pois minha mãe adotiva era pobre e trabalhou a vida toda como empregada doméstica. Tive que vencer muitas dificuldades para não interromper os estudos. A paixão pela literatura me deu forças, foi um estímulo-desafio a me mover. É esse encantamento começou na infância, nas visitas à uma biblioteca pública, motivadas pela mãe que mal frequentou escola, mas desejava que a filha tivesse acesso ao mundo dos livros. Não tenho dúvidas de que a poeta de hoje nasceu nesse encontro inaugural com a poesia, início da transformação da minha existência. Transformação contínua de quem se sente eterna aprendiz. ■



VIVER A VIDA

fluem no filme de Godard
como se palavras
dentro das páginas de
um livro,

águas sobre o escuro
leito de um rio
e seus detritos

(fluem

apesar do susto de
obstáculos prestes a
represar as águas)

submersa existência passa
despercebida
essência de uma
dor
quase fluida
sob o brilho
corpóreo reflexo que
apenas ilude:

a vida

(não vivida)
reflui.

Quanto mais me esqueço de mim
e ouço a voz de cada gesto
que vem do outro,
apaga-se a existência
entrecortada do tempo,
e essa história
alheia passa a ser
a minha,

cada pedra
transposta se transforma
(unindo passo a passo)
num único caminho,
linha contínua
traçada por pés descalços
no nascimento
de si mesmo.

OUVIR O OUTRO

(pensando em Walter Benjamin)



TEMPO SUBJETIVO

Embriagada, escreve

coisas sem sentido
mas que sempre
a salvam

pelo menos do desespero
de um instante
sem rumo

e sem saída,

que só a escrita ilumina.

Mesmo que depois,
passada a embriaguez,
a luz se apague
e a escuridão lhe pese
por fora e muito mais
por dentro.

Como na madrugada
solitária
em que o cheiro
das bananas na fruteira muito
doces — a poucas horas
de estarem podres — marcou de adeus
diversas e definitivas linhas
em tinta negra, letras
miúdas e espremidas,
cuja grafia já revelava
em seu desenho
o desfecho,
que só depois
de muito tempo
viria.

Pois ela nem estava, ainda,
de partida.

AFETO E FACA

(a partir de “canetas emprestadas” de Armando Freitas Filho)

A caneta do poeta
(não importa se dele
ou emprestada)
é afeto e faca

cai na carne
no centro
côncavo
deste coração

que deixa de ser
oco
e envolve
absorve
acolhe
come

não o objeto
mas o
gesto, o
gosto
da tinta-lâmina
que tatua
mais do que um retrato

a presença por inteiro
na escrita inventada
(às vezes numerada)
de si mesmo:
deus e mestre.



Sônia Barros nasceu em 1968, em Monte Mor (SP). É formada em Letras pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Autora dos livros de poemas *mezzo voo* (2007) e *Fios* (2014). Também escreveu várias obras para o público infantojuvenil, entre as quais, *A coragem de Leo* (2014) e *Nas asas do haicai* (2016).

U R B O T A

O bom agora era poder passar o dia pelado, olhando pela janela do 15º andar do mais alto edifício da cidade, inexplicavelmente no topo do monte. A obscena vista do povoado de casas baixas, as plantações e o pasto eram presentes inesperados: o infinito e o nada. O apartamento espaçoso, o mau gosto burguês: cortinas florais, rendadas, plissadas, azulejos pasteis com motivos florais, espelho grande no banheiro, emoldurado por lâmpadas incandescentes brancas, imitando camarim de estrela de televisão. Aluguel barato, salário relativamente alto para os poucos dias de trabalho. O apartamento dos ricos que ele favelizava com seus chinelos de dedo, sua negritude, sua nudez e seus dedos a coçar o corpo suado.

No espaçoso living podia andar de um lado a outro, contemplando a ausência de móveis e imaginando qual seria a família que abandonara o lugar, seus motivos. Além dos poucos dias em que tinha que vestir alguma formalidade e apresentar-se aos moradores locais como o engenheiro da capital, o mundo lhe chegava apenas pelos telefonemas equivocados, pelo ranger do elevador longínquo, e mais o barulho da locomotiva agitando os trilhos, no quarto ao lado.

Quando adormecia, cigarro entre os dedos, na rede em frente ao janelão da sala, logo despertava sobressaltado, com o sussurro das cartas sob a porta, reforçado pelos odores do Ribeirão Quilombo. Levantava-se, caminhava, deitava-se no chão. Estirado nos tacos, o suor se aderiu ao sinteko. O sol fadado. O movimento involuntário do peito pelo coração que palpitava.

Depois que a sesta de fogo chegava ao fim e o sol já não se deixava ver na janela, o carrilhão da catedral abalava a quietude da tarde. Era o sinal para os insetos, uma revoada que vinha rápido, infestar a arquitetura fracassadamente arrojada, as paredes não perpendiculares, os globos de luz em seu marco dourado. Acender ou não acender as luzes da sala em nada diminuía sua sanha desabalada. Impossível cumprir o desejo de se iluminar pelo fogo.

O silêncio era fardo sobre asas. A noite erroneamente clara. Da rua as vozes de alguma conversa, sotaque sincopado, conteúdo incompreensível. Uma moto cruzava a cidade com o escapamento aberto, o cão que ladrava por nada ou por quase nada, ambos deixando o silêncio e a fumaça detrás de si.

Como podia a cidade ser tão pequena? O edifício ser tão alto. E todo o canal ao longe, impassível. A mesma garrafa de água sobre a mesa há três dias e o Ribeirão Quilombo

com suas águas cagadas. Fechou as janelas para não sentir, saber, apreciar ou compreender mais nada. Tentar conciliar com profundidade o sono sem a intervenção da vista empalhada do município que já começava a nauseá-lo. Nem tempestade no céu se anunciava.

A memória se prolifera mas não encontra onde se enredar. Nenhum pensamento urbano permitia-lhe libertar-se do infinito verde, do cheiro de bosta, do silêncio profundo e rude. Angustiava-se na sala que lhe parecia, ainda mais com as janelas fechadas, uma desproporcional quadra de futebol de salão.

Confundiam-se os dias de descanso e os dias de trabalho. As vozes da cidade que o inquiriam sobre o sobrenome, a família, os hábitos. As memórias da cidade grande, de onde viera, iam ficando escassas. O sol costuma confundir as almas, dizia o padre imaginário numa missa inexistente que se inventava para tentar enfrentar a madrugada. Uma presença inefável parecia envolvê-lo e o fazia logo ver saindo fumaça do horizonte como se se tratasse de seu próprio cigarro. Ou, por outra, era sim aquilo mesmo. Dias em que não vê uma só mulher. A cidade uma grande boca sem lábios, insexuada. Em Villa Americana, fornicava-se para o matrimônio, pare-se para o trabalho. A família seguirá sendo o núcleo duro do roçado — dizia, numa cantilena que já se ia tornando sinistra. O município nasce da grande fazenda, cercada ante o exterior inóspito.

Até soar mais uma vez o telefone, ao meio da noite muda. Não era engano. Uma voz abafada e rouca que se dirigia a ele. Não haverá amanhã a reu-

nião previamente agendada, já esquecida, e da qual nem ecos restavam sobre seu corpo finalmente resfriado. O telefonema da assistente, do escritório que o contratara, eficiência onde nem o dia nascia com hora marcada, despertou-o. Foi quando surgiram interrogações do corpo: onde é que se come naquela cidade, numa hora daquelas.

Do outro lado, a voz prestativa ia se tornando interessada e desfiava dados, impossibilidades, dificuldades da província para os que vinham da capital. Ao devolver o fone ao gancho foi como ter sabido que falara com a pitonisa, a única que podia tirar zumbi cativo da senzala.

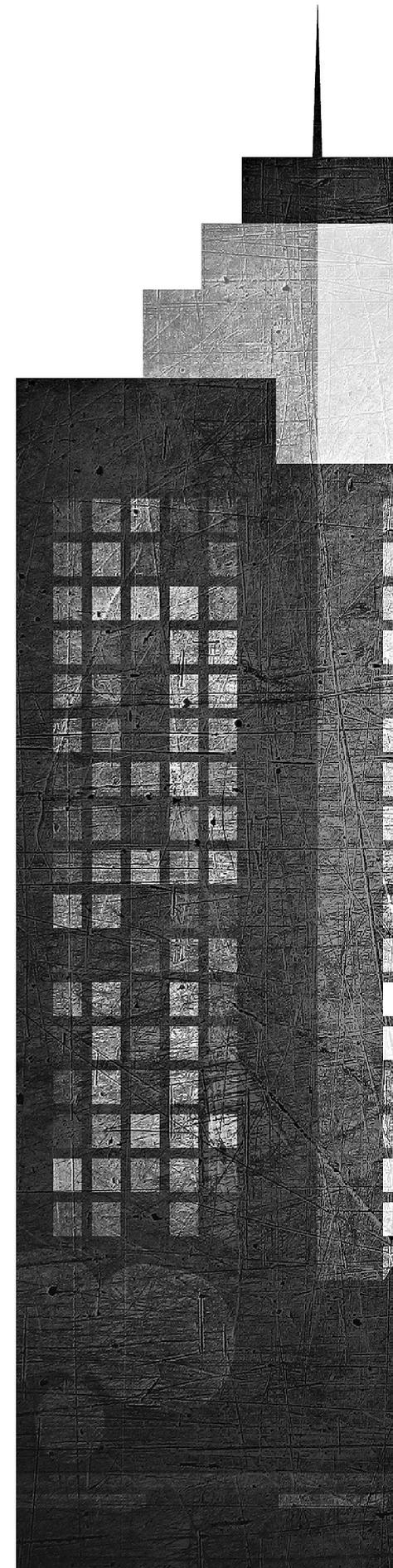
Tropeçou entre as escassas peças de roupa sobre o chão de terra batida, e apanhou alguma camisa que pendia de um gancho. Cogitara ir nu para a rua, mas a voz rouca que o convocara há pouco inspirava maiores cuidados. Não sabia precisar em quanto tempo uma voz se faz corpo, mas tentou ser veloz, depois de quantas horas ou noites extático. Divisou da janela o que imaginaria ser a primeira réstia de sol da manhã, embora acreditasse que o dia ainda tardasse. Também virá ela com os olhos vivos de uma fome mal saciada, pensou. Nada mal um corcel ligeiro para picotar a noite, entre as folhagens, os canaviais, os bosques inexplorados.

Pensar que no dia que chega não terá de lidar com casa nem ponte aliviava o peso da alma. Imaginar a mata que havia debaixo de cada canal. Cuspiu para o lado, acendeu outro cigarro com a palha que apanhou no canto do quarto e vestiu finalmente a camisa grossa de algodão curtido. A calça encardida, acreditava que estava bem.

Desceu em silêncio àquela hora, pelas escadas. Todos têm o sono leve dos que estão sempre acoitados. Foi só passar leve e macio, depois, pelo capitão do mato, na entrada da fazenda.

Tinha uma matinha preservada, onde decidiu ficar de tocaia, esperando aquela que o renderia. Depois de quantos dias, ia à forra, atravessar pelado, correndo, a pista, sem perder os dedos na roda, sem lamentar com os outros por um que caiu na caldeira. Ver aquela que venta, com seus olhos de maio, ser outono, ser o leito das coisas que passam. ■

 **Wilson Alves-Bezerra** é autor, entre outros títulos, da coletânea de contos *Histórias zoófilas e outras atrocidades* (2013) e do livro de poemas *Vertigens* (2015), obra que conquistou o Prêmio Jabuti na categoria Poesia – Escolha do Leitor. Professor na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), vive em São Carlos (SP).





UM ANIMAL DEVERAS EXÓTICO

O recluso escritor **Thomas Pynchon** recria a realidade paranoica dos Estados Unidos em obras com centenas de páginas e personagens envolvidos em enredos absurdos, em que o pop e o erudito, assim como o ridículo e o trágico, se confundem



RONALDO BRESSANE

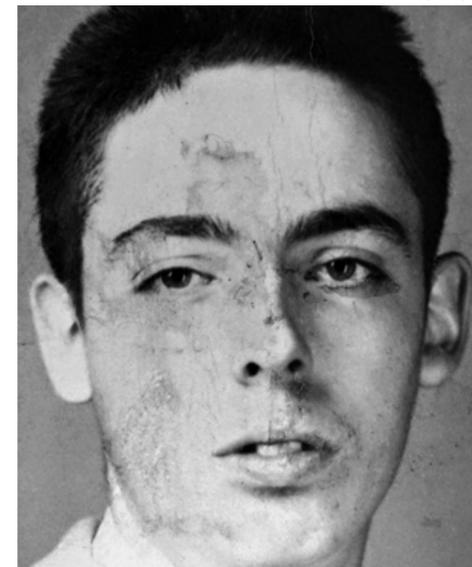
O Leitor e o Resenhista [Thomas Pynchon usa maiúsculas para apresentar personagens e entidades] bebem quando entra no bar um velhinho de olhos vivos, os dentes superiores avançando sobre um sorriso tímido, pedindo uma caneca de cerveja; dado o primeiro gole, bate desajeitado a caneca no balcão e a cerveja respinga em nossas roupas e fuças. Opa, tudo bem?, diz o Resenhista. Este aqui é o Leitor, e este aqui é o Thomas Pynchon. O Pynchon é... como posso dizer?, coça a cabeça o Resenhista, enquanto Pynchon bebe, piscando o olho de um jeito zombeteiro. O maior escritor norte-americano em atividade, talvez o melhor do mundo? Um dos principais exemplos da prosa pós-moderna, cujas narrativas apontam para todas as direções e nunca se fecham? Um inventor de personagens inesquecíveis? Um dos textos mais delirantes à disposição? Um paranoico, um gênio, um demônio? O Leitor se entusiasma e saca um espertofone do bolso: legal, posso fazer uma foto? Rápido como um rato, Pynchon termina sua cerveja, sorri o sorriso dentuço e escapole pela janela.

É difícil mesmo apresentar Pynchon, e o velhinho maluco não ajuda. Pra começar, seus livros têm em média 600 páginas — o mais magrinho deles, cujas 166 páginas costumam ser a “porta de entrada” para o multiverso pynchoniano, *O leilão do lote 49*, está há anos esgotado na Companhia das Letras. O mais recente, *O último grito*, tem 584 páginas e, apesar de ter uma protagonista, derrama dezenas de personagens secundários nos meses que antecedem o 11 de Setembro, quando Maxine, uma contadora tão picareta quanto adorável, ao ser contratada para investigar uma *start-up*, chega a um esquema de financiamento de terroristas e de contrabando de sorvete russo — e a trama gira por paranoicas conspirações globais, fantasias apocalípticas, contadores falsários, células terroristas, hackers, programadores, especialistas em balística, agências de inteligência burras, sombras misteriosas nos edifícios e um misterioso grito que atravessa o céu de Nova York. Pynchon detesta se fixar em uma única trama: como bonecas russas, seus livros vão abrindo sucessivos parênteses para subtramas e múltiplos argumentos, e nem sempre os parênteses se fecham. Quando o leitor se acostuma a um personagem, lá vem outro, e mais outro, puxado por uma digressão — e como Pynchon gosta de fugir do assunto.

“Pynchon desenvolveu ao longo de toda a obra uma visão dos EUA (e, por extensão, uma visão de um mundo determinado pelos EUA) que é mais singular e, especialmente hoje, na era Trump, mais acertada do que a de qualquer outro: ele per-

cebeu o quanto de ridículo há no nosso trágico, e o quanto de trágico, no nosso ridículo. Percebeu o lugar da cultura pop no nosso refinamento, e também riu dele”, diz Caetano Galindo, tradutor de *Vício inerente*, talvez o mais acessível representante da literatura pynchoniana (foi adaptado ao cinema por Paul Thomas Anderson). Do trágico ao ridículo em segundos: se Pynchon está falando sobre quadrinhos, pode pular para astronomia, e daí para algum personagem obscuro do Holocausto, caindo depois para uma leitura dos poetas provençais, e em seguida mostrando os efeitos de misteriosas substâncias alteradoras de consciência, e sem dar seta nos atira na descrição pormenorizada de uma suruba. Sua prosa fala de tudo sobre tudo, e não raro o Leitor mais dedicado acaba perdendo o fio da meada e abandonando a leitura, exausto, perdido, humilhado. Pois é, Pynchon é daqueles autores cujos livros são super instagramados e citados, mas pouco lidos.

Como mudar isso? Fé, Leitor. Vai por mim: não digo que quem chegar ao outro lado de um livro de Pynchon vá atingir a Suprema Sabedoria — a sensação é mais de quem sacolejou o cérebro numa sucessão ininterrupta de montanhas-russas. Abre a mente, sim, e não necessariamente para melhor. Se o Leitor vai à fonte da Literatura atrás de Cura, Pynchon só pode ser a suprema Doença. Mas uma Doença muuuito divertida. “Pynchon, indo pros 80 anos, é mais contemporâneo que a gente”, diz Galindo. “Ele tem a melhor prosa inglesa de qualquer escritor hoje na ativa. Isso às vezes é subestimado, mas ele tem uma flexibilidade dickensiana: mega ouvido pra oralidade e detalhe, e uma capacidade de saltar pro sublime em pouquíssimo tempo”. De fato. Pe-



Pynchon: retrato do artista quando jovem.

gue qualquer livro de Pynchon. Qualquer um mesmo. Não precisa ser *O último grito*, que acaba de sair no Brasil. Pode ser *V.*, publicado aqui em 1988 pela Paz & Terra, tradução de Marcos Santarrita:

“Desde que dera baixa da Marinha, Profane estivera trabalhando em manutenção de ruas, e quando não havia trabalho simplesmente seguia em frente, subindo e descendo o litoral como um ioiô; isso já durava talvez um ano e meio. Após tanto tempo de pavimentos, com mais nomes do que gostaria de lembrar, ficara meio cheio das ruas, especialmente ruas como aquela. Todas na verdade haviam-se fundido numa única e abstrata Rua, com a qual teria pesadelos quando viesse a lua cheia. A East Main, um gueto de marinheiros bêbados com os quais ninguém sabia o que fazer, saltava nos nervos da gente com toda a abruptidão de um sonho normal que se transformava em pesadelo, Cão em lobisomem, luz em crepúsculo, vazio em presença à espreita, lá estava o nosso marinhei- >>>



CAPA

ro menor vomitando na rua, a garçonete com uma hélice de navio tatuada em cada uma das nádegas, um furioso em potencial estudando a melhor maneira de saltar através de uma vidraça (quando gritar ‘Gerônimo’? Antes ou depois de o vidro se quebrar?), um gorila de convés bêbado chorando no beco porque da última vez a Patrulha de Terra o pegara desse jeito e o pusera em camisa de força. Sob os pés, de vez em quando, vinha a vibração de uma Patrulha de Terra a ruas-luz de distância, marcando o compasso do ‘Hey Rube’ com seu cassetete noturno; acima, deixando o rosto de todo mundo verde e feio, brilhavam as lâmpadas de vapor de mercúrio, recuando num V assimétrico em direção ao leste, onde estava escuro e não havia mais bares.”

Note, Leitor, a insolência com que Pynchon nos despeja caminhões de descrições vívidas, em uma prosa clara, concreta e repleta de detalhes estapafúrdios. É um trem-fantasma que não para, não deixa o Leitor respirar. O exemplo acima foi tirado de *V.*, cuja história pode ser mais ou menos resumida como a obsessão do enigmático Herbert Stencil em buscar descobrir quem é *V.*, a última mulher com quem seu pai esteve, e para isso ele busca a ajuda do “ioiô-humano” Benny Profane. Mas muitas outras subtramas se cruzam à trama principal — uma delas versa sobre o genocídio do povo herero, no início do século XX, um dos massacres mais tenebrosos e menos conhecidos, espécie de vestibular dos alemães para os horrores que praticariam na Segunda Guerra (que é o eixo de talvez o maior livro de Pynchon, *O arco-íris da gravidade*).

Veloz e furioso

Primeiro livro de Pynchon, o catatau *V.*, de 559 páginas, foi publicado em 1963, quando ele tinha só 26 anos, e imediatamente o catapultou à fama (embora Pynchon fuja da fama feito o diabo da cruz: como Dalton Trevisan, ele é avesso a entrevistas, protege sua privacidade com a fúria de uma toupeira e raras imagens suas são conhecidas). Bastante influenciado por narradores vorazes e velozes como Louis-Ferdinand Céline, Henry Miller e Jack Kerouac, Pynchon despontou na alvorada da contracultura, os anos 60, e, na época, como um habitante da Califórnia, foi sempre associado ao mundo hippie. Nada mais falso: desde *V.* se nota um autor apaixonadamente niilista — como cantaria Itamar Assumpção, para Pynchon “não há saídas, só ruas, viadutos e avenidas”.

“O que eu acho particularmente interessante no Pynchon é ele conjugar elementos do alto modernismo, joyceanos, com coisas da cultura de massa — desenhos animados, quadrinhos, pornografia”, afirma Paulo Henriques Britto, o principal tradu-





tor de Pynchon ao português (verteu *Mason & Dixon*, *Contra o dia*, *O arco-íris da gravidade* e *O último grito*). “Pynchon é um animal deveras exótico”, define Jório Dauster, o tradutor de *O leilão do lote 49*. O que faz de Pynchon um autor tão único? “Sufofocando uma risada, eu responderia à sua pergunta: porque foi aluno do Nabokov na Universidade de Cornell. Mas, retomando a seriedade: porque ele processa todo o lixo da tecnologia moderna a fim de fabricar diamantes de paranoia”, reflete. Paranoia é uma palavra-chave para entender o universo pynchoniano. Mas antes, precisamos falar da entropia. Mas antes ainda, citemos o *Lote 49*:

“Numa tarde de verão, a senhora Édipa Maas voltou de um almoço servido em elegantes pratos de plástico, no qual a anfitriã talvez tivesse abusado do *kirsch* na *fondue*, para descobrir que fora designada inventariante do testamento de um certo Pierce Inverarity, grande proprietário de imóveis na Califórnia que certa vez perdera dois milhões de dólares num momento de lazer, mas ainda conservara um patrimônio suficientemente vasto e intrincado para que a tarefa de colocá-lo em ordem não fosse algo apenas honorífico. Édipa ficou de pé na sala de estar, sob o olhar morto e esverdeado da tela de TV, pronunciou o nome de Deus, tentou sentir-se tão bêbada quanto possível. Mas isso não funcionou. Pensou num quarto de hotel em Mazatlán cuja porta acabara de ser batida, aparentemente para sempre, acordando duzentos pássaros lá embaixo no saguão; num amanhecer na encosta que leva à biblioteca da Universidade Cornell, amanhecer que ninguém jamais vira pois a encosta dá para o lado do poente; numa passagem árida e melancólica do quarto movimento do *Concerto para orquestra* de Bartók; num busto pintado de branco de Jay Gould que Pierce mantinha ao lado da cama, numa estante tão estreita que sobre Édipa sempre pairara o temor de que um dia a estatueta tombaria em cima deles. Será que ele morreu assim, perguntou-se, em meio aos sonhos, esmagado pela única imagem existente na casa? Isso só fez com que ela soltasse uma risada alta e descontrolada: Édipa, você está mesmo ruim da cabeça — disse a si própria ou à sala, que sabia.”

Este é só o começo do *Leilão*, e já tem uma pitada do *Alph* (o borgiano, não o paulo-coelhano) na multifacetada mirada bêbada de Édipa Maas (não, desculpe, não teremos personagens com nomes “normais” na obra de Pynchon). E aí temos uma gavetinha possível para colocar a prosa do escritor nascido no ano de 1937 em Long Island, Nova York. Italo Calvino sugeria, em suas obrigatórias *Seis propostas para o próximo milênio* (este milênio — o escritor italiano as escreveu em 1985, ano-fronteira para os nativos digitais), que uma das ambições da literatu- >>>

ra fosse a Multiplicidade. Ele usa duas imagens para o conceito: o *diamante*, com suas inúmeras arestas e faces, e a *rede*. Uma rede de redes: a ideia de que o romance se expandisse para todos os lados, sem convergir em nenhum centro.

Entre as obras que Calvino indicava para demonstrar seu conceito estão o conto “O jardim dos caminhos que se bifurcam”, de Jorge Luis Borges, e o hiper-romance *A vida modo de usar*, de Georges Perec. Seu conceito explora outra conhecida tese da teoria literária, a “carnavalização” do crítico russo Mikhail Bakhtin, em que a polifonia (múltiplas vozes, personagens e perspectivas da realidade expostas simultaneamente) explica a estrutura dos grandes romances de Dostoiévski. A carnavalização também se aplica ao Roberto Bolaño de *Detetives selvagens*, ao Osman Lins de *Avalovara*, ao David Foster Wallace de *Graça infinita* — e tem como maior nome vivo nosso Pynchon. A hiper-rede é o símbolo máximo da literatura pós-moderna, e tem como principal arquiteto o autor de *O arco-íris da gravidade*:

“Antigamente, na primavera, Slothrop ia munido de pá e picareta limpar as estradas de Berkshire, tardes de abril perdidas, trabalho para desempregados, indo atrás da raspadeira que remove o cristalino ataque endógeno do inverno, sua necropolização branca... catando latas de cerveja enferrujadas, camisas-de-vênus amarelentas de sêmen pretérito, lenços de papel amassados em formas encefálicas encerrando meleca pretérita, lágrimas pretéritas, jornais, cacos de vidro, pedaços de carros, dias em que medo e superstição lhe permitiam fazer tudo encaixar-se, vendo em cada um com clareza um item num registro, uma história: a sua história, a história do seu inverno, de seu país... aprendendo, mau aluno e vagabundo, de modos mais profundos do que ele seria capaz de explicar, com rostos de crianças em janelas de trens, dois compassos de música dançante vindo de algum lugar, de uma outra rua à noite, agulhas e galhos de um pinheiro nítido e luminoso contra nuvens noturnas, um esquema de circuito saído de um maço manchado e amarelado contendo centenas de outros, risos vindos de um milharal de manhã cedo quando ele caminhava para a escola, uma motocicleta em ponto morto num fim de tarde pesado de verão... e agora, na Zona, mais tarde, no dia em que ele se transformou numa encruzilhada, após uma chuva forte de que ele não se lembra, Slothrop vê um arco-íris muito grosso, um grosso caralho iridescente saindo de nuvens pentelhais e cravando na Terra, na Terra verde e úmida e sulcada de vales, e seu peito se enche, e ele chora, sem nada na cabeça, sentindo-se natural apenas...”

Poesia pura, você diria, Leitor, embora o Resenhista lembre que o belo arco-íris aí de cima seja somente mais uma me-

A paranoia norte-americana, incluindo o 11 de Setembro, é um dos temas do mais recente livro de Pynchon, *O último grito*.



táfora bélica em que Pynchon demonstra nosso desmesurado amor pelo fim. Como diria Matthew Shirts, que verteu *Vineland* ao lado de Reinaldo Moraes: “Pynchon consegue fazer uma estratégia barroca funcionar em língua inglesa nos dias de hoje e ser engraçado ao mesmo tempo. Com isso parece em alguns momentos se aproximar de uma verdade mítico-niilista a respeito

da condição humana”. Este “mítico-niilismo” nos leva a uma das chaves interpretativas de sua literatura: a Entropia. Muitos aproximam o universo literário pynchoniano do conceito físico da entropia. De acordo com a Segunda Lei da Termodinâmica, quanto maior for a desordem de um sistema, maior será a sua entropia. Por exemplo: quando um copo com água cai no chão, o resulta-



res — sempre aumenta. O universo, em permanente expansão, tende à dissipação de energia. No limite — se é que é possível um limite para algo infinito —, o universo morrerá de frio, com todos os seus sistemas isolados uns dos outros.

Entropia & paranoia

Pynchon aborda a segunda lei da termodinâmica em seu conto “Entropy” (não traduzido no Brasil, em que uma turma de amigos faz uma festa tão louca que ao fim mal consegue se comunicar), mas se baseia na teoria entrópica da informação, criada por Norbert Wiener em seu incontornável *Cibernética e sociedade: o uso humano dos seres humanos*. Neste clássico, o filósofo aproxima a teoria física da morte do calor do universo à teoria da comunicação: para Wiener, a tendência do universo à entropia, em que todos os sistemas fechados no universo tendem a se deteriorar, ressurge na teoria da informação como a medida de informação média de uma mensagem ou linguagem. Existe uma tendência entrópica na sociedade de informação em tirar a organização e a coerência das mensagens e das linguagens (pense nas *fake news* que têm invadido as redes sociais, por exemplo). Estamos sempre lutando contra a tendência da natureza em degradar o organizado e destruir o significativo; e a tendência da entropia é aumentar. A entropia na informação significa informação redundante ou distorcida.

A obsessão de Pynchon com a entropia surge também no *Leilão do lote 49*, quando um certo Demônio aparece tentando se rebelar contra a entropia, criando um motoperpétuo e infringindo as leis da física. Viver em uma cultura consumista como a nossa, em que a informação disponível é superabun-

dante, faz com que seja quase impossível discernir que peça de informação é importante, o que é redundante e o que é falso. Deixando suas obras abertas para uma larga variedade de interpretações, Pynchon reduz a probabilidade dos leitores atingirem conclusões idênticas, o que diminui a tendência entrópica na direção da mesmice. Para Pynchon, o caos não é uma bagunça sem ordem — é a supermultiplicação de ordens, de possibilidades e de impactos criadores: é assim que ele atenta contra a tendência à entropia sociocultural procurando revertê-la. O Leitor ficará enriquecido com a experiência de participação ativa e ativamente se engaja no fluxo de processo de informação e se torna mais experiente em distinguir informações significativas da torrente de informação. Pynchon encoraja o Leitor em procurar suas próprias interpretações no mundo caótico permeado pelo consumismo que contribui com o aumento da entropia na sociedade em vários níveis, com sua severa crítica ao capitalismo, ao demonstrar que as corporações que nos regem têm um único interesse — perpetuar o onipresente consumismo para aumentar seu lucro:

“...um mercado não fosse mais comandado pela Mão Invisível, porém pudesse agora *criar-se a si próprio* — sua própria lógica, seu ímpeto, seu estilo, a partir de *dentro*. Colocar o controle dentro era ratificar o que havia acontecido de fato — que você havia dispensado Deus. Só que assumiu uma ilusão maior e mais daninha. A ilusão do controle. Que A podia fazer B. Mas isso era falso. Completamente. Ninguém pode *fazer*. As coisas simplesmente acontecem, A e B são irrealis, nomes de peças que deviam ser inseparáveis...” (*O arco-íris da gravidade*)

“Profundo. Sinistro. E todos eles estão envolvidos.”

‘Paranoia demais pra você?’

‘Pra mim, não, paranoia é o alho na cozinha da vida, não é? Nunca é demais.’ (*O último grito*)

O veneno que Pynchon usa para dinamitar a entropia por dentro é a paranoia. A ideia de que existe uma ordem secreta regendo o caos faz com que a prosa delirante de Pynchon multiplique as possibilidades de sentido e significado por trás de cada evento. Essa paranoia ativa superaguça nossos sentidos: passados todos os solavancos de seus livros, a paranoia torna todo Leitor mais vivo. Com a permanente sensação de que o mais importante em seu multiverso literário é a viagem — e a sensação que muita coisa está escapando ao entendimento. Como a própria vida. Mais uma cerveja? ■

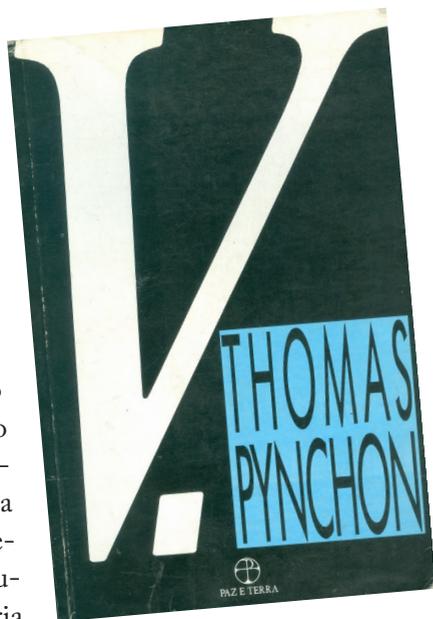
do da bagunça gerada é a entropia deste ato — seria impossível fazer a água voltar para o copo, porque é impossível retroceder à entropia. O termo entropia se originou a partir do grego entropiê, que significa “em mudança”. Precisamos, para estudar a entropia, entender que em um processo natural, a entropia do universo — a soma da entropia do objeto com a entropia dos arredo-

ISSO aí é THOMAS PYNCHON:

JOÃO LUCAS DUSI

ESTREIA PRECOCE

Thomas Pynchon tinha 26 anos quando publicou *V.*, seu romance de estreia, em 1963. A obra reflete a admiração do autor norte-americano pela contracultura, tendo personagens como o ex-marineiro beerrão Benny Profane e os artistas independentes da Turma Muito Doida. Além da bebedeira, diálogos absurdos e humor duvidoso, Pynchon cria um clima constante de paranoia através do obcecado Herbert Stencil e sua busca incessante pela antiga e enigmática *V.*, que pode ser tanto um clérigo androide travestido de mulher quanto apenas uma ideia. No Brasil, o livro foi publicado em 1988, com tradução de Marcos Santarrita.



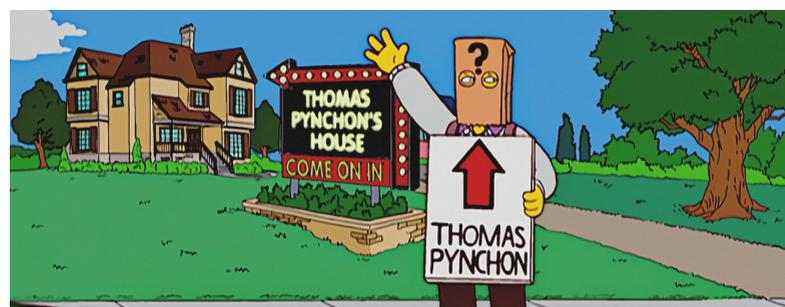
AMIZADE

Na dedicatória do romance *O arco-íris da gravidade*, considerado a obra-prima de Thomas Pynchon, lê-se: “Para Richard Fariña”. Pouco conhecido do público brasileiro, Fariña foi colega de quarto de Pynchon nos anos 1950, quando os dois estudaram na Universidade Cornell, e teve uma carreira literária meteórica: morreu num acidente de moto dois dias após a publicação de seu primeiro romance, *Been down so long it looks like up to me*, em 1966. A obra veio para o Brasil com o título *Tanto tempo na pior que o que pintar é uma boa* (1985), atualmente fora de catálogo, disponível somente em sebos. Além disso, Pynchon foi padrinho de casamento de Fariña.



NO CINEMA

Vício inerente, sétimo romance de Thomas Pynchon, foi adaptado para o cinema em 2014. Com a direção de Paul Thomas Anderson, o filme traz, entre outros, Joaquin Phoenix [foto] no papel do protagonista “Doc” Sportello, um detetive particular *hippie* que utiliza maconha e LSD para se inspirar, Josh Brolin interpretando o sádico tenente-detetive “Pé-Grande” Bjornsen, que dedica boa parte de seu tempo a atazanar Sportello, e Katherine Waterston na pele de Shasta Fay, ex-namorada de “Doc” que o contrata para investigar o sumiço de um figurão. A partir dessa premissa, a trama segue a fórmula pynchoniana: incertezas, drogas, conspirações e alternância entre momentos do mais absurdo pastelão e situações de grande sensibilidade. O filme recebeu duas indicações ao Oscar em 2015.



BEM-HUMORADO

Notório por sua aversão a repórteres e entrevistas, Pynchon dublou a si mesmo em dois episódios do desenho *Os Simpsons* — “Desabafos de uma dona de casa furiosa”, 10º episódio da 15ª temporada, e “Vale tudo na guerra da cozinha”, 2º episódio da 16ª temporada. Em sua segunda aparição, enviou para o produtor executivo da série, Matt Selmán, algumas alterações no roteiro, pois se recusou a chamar Homer Simpson de *fat ass* (“bunda gorda”), alegando que Homer — um beerrão, notório por sua burrice — é seu *role model* (“modelo a ser seguido”). Em ambas ocasiões, o personagem de Pynchon aparece com um saco de pão na cabeça.

PULITZER NEGADO

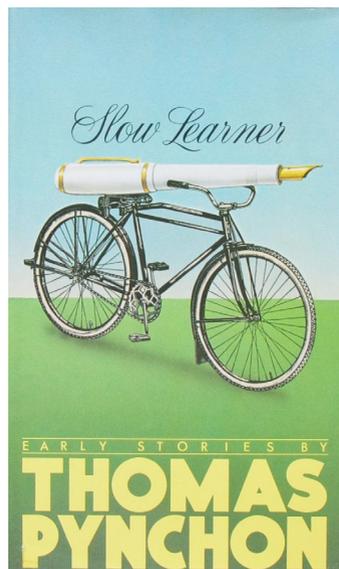
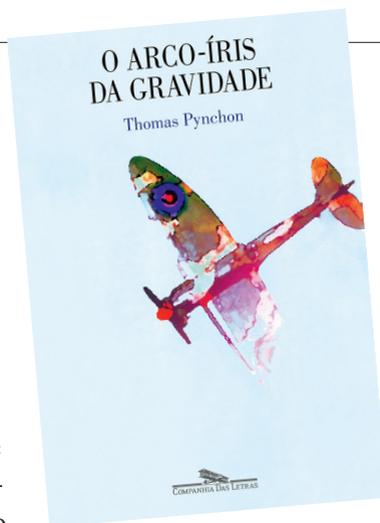
Em 1974, os jurados do Prêmio Pulitzer foram unânimes quanto à escolha do melhor livro de ficção: *O arco-íris da gravidade*, terceiro romance de Thomas Pynchon. O calhamaço, de 731 páginas (na versão brasileira relançada em 2017, com tradução de Paulo Henriques Britto), se passa no ambiente sórdido da Europa ao final da Segunda Guerra e traz personagens como o tenente americano Tyrone Slothrop, que possui ereções capazes de antecipar o local da queda de foguetes nazistas supersônicos, os V-2. Apesar da unanimidade entre os jurados, o comitê organizador do Pulitzer, que detinha a palavra final, considerou o livro “obsceno” e “ilegível”, entre outros adjetivos, e o prêmio foi negado. Antes disso, em 1941, o também escritor norte-americano Ernest Hemingway sofreu o mesmo tipo de retaliação. Após decisão unânime pela vitória do romance *Por quem os sinos doam*, um dos membros do comitê, Nicholas Murray Butler, alegou que o livro era “ofensivo” e “lascivo”, e o prêmio acabou negado.

INÉDITO

Apenas um livro de Thomas Pynchon ainda não foi traduzido no Brasil. No hiato de 17 anos entre a publicação de *O arco-íris da gravidade* (1973) e *Vineland* (1990), foi lançada nos Estados Unidos a coletânea *Slow Learner* (1984), que reúne cinco contos do autor escritos entre os anos de 1959 e 1964. A obra traz uma introdução elucidativa do próprio Pynchon, que julgou seus escritos mais antigos com autocritica, numa rara ocasião em que abriu o jogo sobre seu modo de pensar a ficção. Além disso, os contos “Lowlands” e “Under the rose”, publicados, respectivamente, em 1960 e 1961, marcam as primeiras aparições dos personagens Pig Bodine, Porpentine, Goodfellow e Victoria Wren, esses que seriam retomados em seu romance de estreia, *V.* (1963).

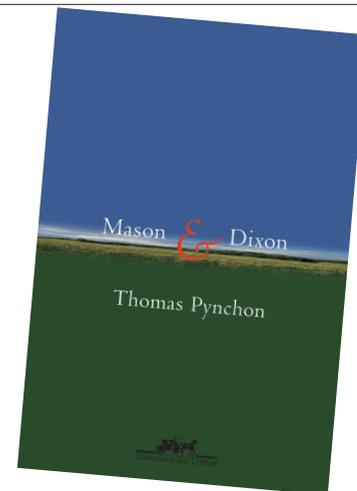
PARA OS OBCECADOS

A obra de Thomas Pynchon é notória por sua complexidade, contendo diversas referências e uma miríade de personagens, além de longas digressões e enredos fragmentados. Aos que não se arriscam enfrentar esse autor por conta própria, a *Pynchon Wiki* — disponível somente em inglês — oferece muitas informações sobre seus oito romances: lista completa de personagens (fictícios e reais), anotações página por página, esclarecimentos acerca das referências e acontecimentos históricos, resenhas publicadas em grandes veículos, entre outras informações. Qualquer pessoa pode se registrar e, caso seja aceita, contribuir com o site.



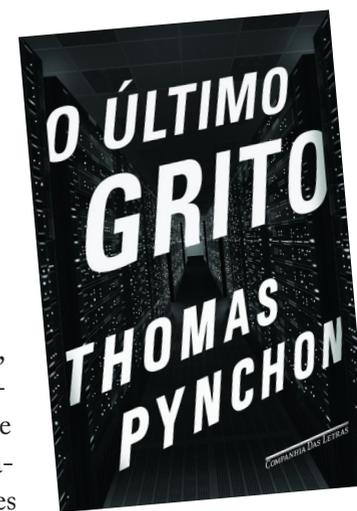
OUSADIA LINGÜÍSTICA

Em *Mason & Dixon*, seu quinto romance, Pynchon não só recontou a história dos cientistas Charles Mason (1728-1786) e Jeremiah Dixon (1733-1779), responsáveis pela criação da Linha Mason-Dixon, que separou o Norte progressista do Sul escravagista dos Estados Unidos, como utilizou um pastiche do inglês setecentistas para narrar essa empreitada. A obra tem 842 páginas (na edição brasileira lançada em 2004, com tradução de Paulo Henriques Britto) e levou 22 anos para ser escrita. A primeira vez que Pynchon menciona estar trabalhando no livro foi em 1975, em uma carta à sua agente na época, Candida Donadio. A publicação da obra, no entanto, só aconteceu em 1997.



50 ANOS DEPOIS

O último grito (2013), mais recente romance de Thomas Pynchon, foi publicado 50 anos após a estreia do autor — no Brasil o livro chegou em 2017, com mais uma tradução de Paulo Henriques Britto. A história, claro, traz todos os elementos da prosa pynchoniana (paranoia, personagens excêntricos, tramas circulares), com um toque de romance policial no centro da narrativa. Maxine Tarnow, especialista em fraudes fiscais, é contratada por um documentarista para investigar as movimentações suspeitas de uma *start-up*. A trilha do dinheiro desviado leva a Gabriel Ice, misterioso investidor que anda interessado em comprar o código-fonte do DeepArcher, um novo videogame que transforma a *deep web* numa realidade virtual habitável. Ice também estaria financiando grupos terroristas no Oriente Médio. Anunciado como o grande romance sobre o 11 de Setembro, *O último grito*, em sua essência, é uma crônica familiar, destrinchando as relações e os sentimentos de Maxine, mãe de dois filhos pequenos e recém-divorciada. ■





RECORTES DE HANNAH

Presos no elevador do edifício Hannah, Lucas e Lina.

— O porteiro disse que vão resolver logo. — Ele disse, após colocar o interfone no gancho. Tudo escuro. As linhas de luz branca, vazando das frestas da porta do elevador.

Momentos antes, esperavam o elevador no hall de entrada do Hannah. Trocaram olhares durante a espera. Observando o painel antigo do elevador, Lina imaginava a si mesma mais alta; seus cabelos, castanhos e longos, lhe pareciam mais volumosos. Quando a campainha do elevador soou e as portas se abriram, o espelho sumiu.

Lucas apertou no décimo andar e Lina ficou quieta.

— Qual o seu andar?

— Oitavo... Grata.

De repente, um solavanco sacudiu seus corpos. O susto coincidiu com o escuro.

— Tudo bem? — Lucas quase esticou o braço na direção dela.

— Que azar, hein? Será que demora?

— Deixa eu falar aqui com ele. — E bateu até encontrar o interfone. A voz do outro lado da linha surgiu impregnada de ecos, ruídos.

Ela passou a mexer no celular. Lucas a observava, protegido. Os traços do rosto dela o fizeram pensar em algum país do leste europeu. Uma pintura que tinha visto no dia anterior — uma madona. O cenário do quadro, sombrio, continha um desfiladeiro, pedras e a sugestão de um oceano; em primeiro plano, um livro aberto descansava sobre um crânio, cuja nuca se virava na direção do visitante. No centro, ocupando quase toda a tela, a



madona. Parecida com Lina, porém os da santa eram cabelos mais claros e cacheados. Usava uma vestimenta azulada, meio solta, que revelava um pouco dos ombros, cotovelos e braços — além do desenho dos seios. Lina, o rosto abaixado, insistia com o celular; sua cópia, pintada séculos antes, mirava os céus com a boca entreaberta.

— Tá pegando sinal no seu? — Ela perguntou. — Geralmente nesse elevador não pega.

Ele retirou o celular do próprio bolso e, nesse momento, Lina apagou o dela, guardando-o.

— Você mora aqui?

— Não. — Tentou avaliá-lo à luz do celular dele. — Estou hospedada aqui, é a segunda vez.

— Também não achei sinal. — Lucas desligou o aparelho. — Você é de onde? Seu sotaque...

Lina não respondeu. A voz dele, outra vez sem rosto, lhe causou desconforto. Como se não bastasse, escutou o corpo de Lucas se mexendo: o atrito do tênis dele com o chão, o som da sua mochila deslizando pela camiseta e calça jeans. Apertou, com as duas mãos, as alças da própria bolsa e a posicionou de modo a cobrir a região da barriga. Deu um passo para trás e se apoiou na parede. Lucas, no entanto, não se movia em sua direção. Pelo contrário, se sentou e abraçou os próprios joelhos.

— Goiás. Sou de Goiás. Mas não moro lá. E você... Pernambuco?

— Não, não. Embora tenha morado lá durante muito tempo. No Recife. Mas não sou de lá.

— Já morei em Pernambuco...

— É?

— Sim. No sertão. Trabalho pro Iphan.

— Sou do interior da Paraíba, na verdade.

— Conheço muitas cidades do seu estado, também.

No escuro, ressurgiu a enfermeira, uma senhora de pele negra e rosto redondo, que abriu a porta do apartamento onde seu pai morava, na rua do Boticário, e perguntou:

— Seu pai está acordando, você espera uns minutos?

Lina conferiu as horas.

— Quer uma água, um suco?

— Não, obrigada.

A enfermeira voltou ao quarto do pai. De braços cruzados, Lina ficou de pé no meio da sala minúscula. A atenção dela foi capturada por um conjunto de estantes escuras, feitas de madeira, ocupadas com medalhas e troféus. Primeiro, segundo, terceiro; ouro, prata e bronze: lá estava o nome dele, grafado sobre metal e plástico. Ficou ainda mais interessada em uma caótica aglomeração de fotografias e recortes de jornais e revistas. As imagens ocupavam boa parte de uma das paredes e nelas encontrou o pai alto, sorridente e bonito. Jovem. Os recortes e fotografias mais importantes estavam emoldurados. Ali, seu pai sempre vencia. E participava de comerciais, filmes, acompanhado com frequência por mulheres bonitas e famosas. Logo, Lina se deu conta. Tinha prometido a si mesma: “Não vou fazer mais isso”.

Não procuraria. Nunca se rebaixaria a cobrar nada dele, porque é claro que não estava ali.

É claro que não deveria ter ido outra vez a São Paulo.

— Mais um momento! — Ouviu a voz dele.

Na parede, diferentes países, prédios, choupanas, mansões, carros, brindes em canecas e taças; fotos com a sua atual esposa. Lina fungou um pouco. O seu rosto, não seria uma indiscrição revelar, adquiriu a mesma expressão doída e resignada de meses atrás, quando retirava a maquiagem diante do espelho, após mais uma desilusão amorosa; o mesmo rubor na face e aquele gesto lento, afação de navalha, do chumaço de algodão dissolvendo a máscara pintada na pele.

— Filha? — Perguntou o pai, sentado na cadeira de rodas empurrada pela enfermeira. No colo, as flores atrasadas.

—E você vem de onde? — Lina perguntou a Lucas.

— Ah, do Recife...

— Não, não. Agora, digo, você estava...?

— Lá no Butantã. Participei de uma entrevista a respeito de um projeto. Na verdade, estou aqui por causa de uma segunda entrevista. Pedi uma licença do meu emprego em Pernambuco e vou passar uma temporada na cidade.

— Sei...

— Sim, nesse prédio moram Natanael e Faustine, eles dividem um apartamento no décimo andar. Tu conhece eles?

— Não.

>>>



CONTO | CRISTHIANO AGUIAR

— Eles estão precisando de uma terceira pessoa. Vim conhecer eles e o lugar e tal.
 — E agora estamos presos.
 — É. E este elevador é o meu segundo engarrafamento da manhã.

Terminada a entrevista, Lucas esperou pelo coletivo que o levaria até a rua da Consolação. Conseguiu, pelo menos, pegá-lo vazio. Sentado à janela, encostou a cabeça e adormeceu. Quando voltou a abrir os olhos, descobriu o pouco que o ônibus tinha avançado. Algo de si, após o cochilo de 15 minutos, certa energia, tinha sido doada à cidade.

Ouviu reclamações dos outros passageiros. Possuía uma vaga impressão de onde poderia estar — longe, porém, do destino final. No fim das contas, nada naquela rua sinuosa, apinhada de carros e de edificações ocupadas com comércios miúdos, soava muito diferente dos outros engarrafamentos e calores das tantas cidades nas quais tinha morado. Abriu a mochila e pegou o seu primeiro trabalho paulistano. O freela pagava pouco, mas lhe dava um senso de pertencimento. Ou melhor: Lucas se sentia como se a cidade já o tivesse “adquirido”. Folheou as provas da *graphic novel*. Olhou para a rua, relutante, mas por fim voltou toda a sua atenção aos quadrinhos que deveria, em poucas semanas, traduzir e revisar. A história, escrita e desenhada por um autor chileno radicado na França, se passava em uma grande cidade da era vitoriana; um século XIX alternativo, no qual carros movidos a vapor corriam pelas ruas, e autômatos, de fraque e cartola, caminhavam nas ruas. Lucas passou a acompanhar as desventuras dos protagonistas, um menino e menina pré-adolescentes, irmãos gêmeos de origem humilde, perseguidos por uma sociedade secreta relacionada à Liga das Nações. Inicialmente, rascunhou nas margens algumas observações sobre as dificuldades de certas palavras e fraseados; após algumas páginas, a leitura o envolveu de tal modo que deixou o lápis de lado. A narrativa se tornava mais e mais enrolada, com reviravoltas a cada página.

Levantou a vista: o tráfego tinha melhorado e o ônibus, avançado bastante; no entorno, muitos prédios empresariais. Voltando à *graphic novel*, deu de cara com um desenho de

duas páginas retratando a principal cidade da narrativa: os gêmeos a observavam a bordo de um balão; dirigíveis e pirâmides voadoras sobrevoavam o seu espaço aéreo; lá embaixo, tubos conectavam os prédios vitorianos entre si, e homens e mulheres voavam acima das ruas usando minifoguetes às costas; páginas adiante, explosões e batalhas envolviam humanos, autômatos e os gêmeos. Não pôde saber quem venceria a batalha — acabava de passar do ponto onde deveria descer.

— Vim visitar meu pai.
 — Como? — Lucas perguntou.
 A voz de Lina tinha saído, sem que ela percebesse, aos sussurros.
 — Meu pai. Ele mora aqui. Quer dizer, não aqui, neste edifício, mas lá perto da praça da República.
 — Então você vem muito pra cá?
 — Não. Nunca fomos... próximos. Encontrei com ele hoje. Há pouco, na verdade.
 — E foi legal?
 Hesitou.
 — Foi.

Saiu do apartamento do pai às onze da manhã. Da rua do Boticário, chegou até a praça. Se fosse um dia usual de passeios pelo centro, Lina caminharia pela região com passadas lentas, dividida entre sentimentos de fascínio e revolta; teria sentado em algum banco e

retirado da bolsa o pequeno caderno de croquis, seu companheiro inseparável; se poria a observar os rostos das pessoas e o tempo. Ziguezagueou, porém, até chegar onde não esperava: em um famoso largo, onde havia a estátua de um anjo de bronze postada acima de uma torre de mármore. Os seus olhos vendados, o corpo coberto de pichações e cocô de pombos, os braços e asas abertos. Prédios cansados se aglomeravam em volta do largo, ruas estreitas. A estátua não era a principal atração turística. O lugar abrigava também um conjunto de feição colonial, pintado de branco, composto por uma igreja e um anexo que poderia ser um claustro ou um colégio. Lina permaneceu, durante um bom tempo, estudando as linhas das duas edificações, as simetrias, o acabamento, a única torre da igreja. Procurava resgatar da memória alguma aula, ou texto, sobre... claro, as janelas: os dois prédios em tudo se assemelhavam, no seu exterior, aos modelos originais que um dia, dizem, deram à luz toda uma cidade. Teria sido um trabalho minucioso de reconstrução, não fossem as janelas ligeiramente equivocadas do colégio.

Decidiu dar uma olhada no interior. Apesar dos prédios e de todo o barulho lá fora, estar no largo tinha lhe transmitido uma sensação de clareza e folga; o interior da igreja, por outro lado, embora desprovido de qualquer adorno, ou santos, ou pinturas (havia apenas um mosaico em uma das paredes, representando o rosto barbudo do Cristo), lhe transmitia uma escuridão habitada em excesso. Sentou em um

banco próximo ao púlpito. Não, não havia um altar. Na verdade, o despojamento do interior a faz pensar em um templo mais protestante do que católico. O púlpito, com sua iluminação de ficção científica, composta por luzes embutidas formando linhas verticais e horizontais nas cores azul e laranja, era a grande atração.

Quando se cansou, Lina levantou do banco e entrou na sala anexa ao templo, localizada próxima às portas da entrada. Tratava-se de um museu em miniatura, onde pôde ver a história do largo e da cidade. Iconografias, vestimentas clericais, uma maquete, dois computadores com vídeos e animações; ignorou tudo isto e fixou sua atenção em uma caixa de vidro, um relicário, instalada no centro da sala. Dentro do relicário, um osso cinzento. “O fêmur do Padre Anchieta.” Ali o Coração da Cidade não era um osso qualquer arrancado de um corpo arruinado. Inerte, o relicário não lhe fez promessa alguma. Não solicitou piedade, não lhe contou nenhuma nova história, não lhe impôs o Cristo. A imaginação dela foi incapaz de urdir, contra o próprio tempo, o mínimo de coerência para que se formasse um corpo. “E sou só uma sombra pra você”, ela pensava, “sou breve demais, pequena.”

Lucas, por outro lado, desceu tão apressado do ônibus que pisou em falso e quase teria metido a cara no chão, se alguém esperando no ponto não o tivesse segurado. Subiu a Consolação. Próximo já ao Hannah, uma cena o impediu de

continuar caminhando. Na frente de uma loja abandonada, dois monges, de pele muito branca, se ajoelhavam na frente de um mendigo, cujo rosto moreno estava cheio de espuma. Um dos monges, lâmina na mão, tentava barbeá-lo. Sentado, as pernas cobertas por dois cobertores imundos, o mendigo espremia os olhos e vincava a boca. Sua cabeça inclinava-se para trás. Certo movimento, tenso, percorria o seu corpo inteiro.

Se um dos três tinha notado sua presença, nada fizeram. Preferia assim. Temia tanto que o rechassem dali quanto que o chamassem para ajudar. Tempos depois, ele escreveria e-mails aos amigos relatando aquela cena; fez questão — isto lhe pareceu justo e justificador — de inventar um nome para o mendigo: Caetano. O que não dizia a ninguém, mais por pudor do que por ter achado a associação estranha, foi o fato de que, ao observar o rosto do mendigo, lembrou de uma pequena escultura. Um minúsculo coração esculpido em ferro e que tinha visto no museu onde estava exposta a pintura da madona. Toda uma parede fora reservada apenas à escultura. Era preciso ficar bem perto a fim de saber do que se tratava e poder captar detalhes: as discretas chamas saindo da sua base, a corrente de espinhos envolvendo a víscera metálica, os olhinhos, a boca de Caetano, as linhas de um rosto.

— Mas seus pais moram em Recife?
— Não, eles moram em Campina Grande. Eu morava em Recife com mi-

nha esposa.

— Ela também veio?

— Não. Ela se foi.

A resposta dele foi dita com uma voz grave, luto.

Silenciaram. Ao redor de Lucas nasciam e se desenvolviam estruturas cada vez mais intrincadas, cheias de múltiplas funções e mecanismos autossuficientes; prédios vitorianos iluminados contra um fundo de estática, luzes de batalha e palavras de ordem; vidas correndo em ruas e avenidas onde tudo era amputado de qualquer ocupação e sombra. Lina, por sua vez, finalmente sentava no piso. Pensava em mais uma foto, mantida durante três décadas por sua avó. Foto? Não exatamente. Por um motivo que nunca descobriu, nem se esforçou para investigar, a única imagem sua com o pai, na qual os dois brincavam em uma piscina, tinha sido recortada de uma foto maior. Ela teria incluído, só poderíamos especular, outras tantas pessoas e até um quintal; quem sabe um cachorro babão, duas ou três mães. No escuro, Lina acabava de encontrar a linha do horizonte de uma paisagem. Por que não mergulhar a partir dali? Acima das águas, ela pairava. O oceano disforme.

O milagre, então, aconteceu: as luzes do elevador acenderam. Depois, o som das engrenagens; um empurrão sacudiu os corpos e ambos se levantaram.

— Finalmente. — Lina, aliviada.

O elevador acabava de parar no oitavo andar.

— Até a próxima pane, moço!

Saiu apressada. Não sei se houve resposta. ■

 **Cristiano Aguiar**

nasceu em Campina Grande (PB), em 1981, e vive em São Paulo (SP). É crítico literário e professor dos cursos de Letras e Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Em 2012, integrou a edição da revista *Granta* que elegeu os 20 melhores jovens escritores brasileiros. O conto publicado nesta edição faz parte do livro *Na outra margem, o Leviatã*, que será publicado em março pela editora Lote 42.



Onde só os otimistas têm vez



Na quarta entrevista da série “Os editores”, **Luciana Villas-Boas** analisa o mercado editorial brasileiro, comenta sua rotina de agente literária e lembra os 17 anos em que atuou como diretora editorial da Record

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Luciana Villas-Boas saiu em 2012 da editora Record, onde ocupava o cargo de diretora editorial, entre outros motivos, com a finalidade de ter mais tempo livre. Hoje, a agente literária, com 40 clientes, e mais de 50 solicitações de autores por mês, diz

que recebe e responde, em média, 100 e-mails por dia. Precisa analisar 80 originais por mês, negociar contratos, dialogar com escritores e editores, entre outras urgências. Ela afirma que seu nome e o tempo de que dispõe são os seus capitais. Tempo livre, para ler por prazer, ainda não tem, mas é o seu projeto de aposentadoria. Apesar disso, se

permitiu a leitura de *O homem que amava os cachorros*, do cubano Leonardo Padura, romance que adorou e recomenda.

A entrevista foi realizada na sede da agência de Luciana, a Villas-Boas&Moss, no Rio de Janeiro. O bate-papo de duas horas foi fluente e teve breves interrupções, quatro ou cinco vezes, por latidos de Nelson, um cachorro de 9 anos que ela apresenta no site da empresa como agente de segurança e *blogger* — na realidade, Luciana, que também atuou na imprensa carioca, usa o nome do cão para assinar alguns textos.

Durante 17 anos, fez uma gestão na Record que, entre outras marcas, viabilizou 1.500 contratos. Mais que isso, apostou na literatura brasileira contemporânea e publicou livros, entre outros, de Alberto Mussa, Altair Martins, Cíntia Moscovich, Luiz Ruffato, Marcelino Freire, Marcelo Mirisola, Miguel Sanches Neto, além de Lya Luft e Manoel de Barros, cujas obras obtiveram vendas acima da média.

Luciana analisa o contexto atual do mercado editorial brasileiro, que, de acordo com ela, está saindo de uma crise sem precedentes, resultado da suspensão de compras de livros pelo governo federal — responsáveis por 25% do setor. O atual público das editoras são os clientes de livrarias, o que não dá conta de sustentar nem de ampliar as possibilidades do mercado brasileiro — ainda com muito por fazer.

A agente literária lamenta a inviabilidade comercial dos contos, apesar de ser leitora de narrativas curtas, e critica os editores pelo fato de eles não estimularem os escritores a produzir o grande romance brasileiro.

Formada em História, aprecia romances históricos e também faz restrições à produção brasileira contempo-

“ A literatura é a forma de expressão artística mais desafiadora e exige muito mais do seu apreciador do que qualquer outra, mais do que as artes visuais, a música, o teatro e o cinema”.

rânea, que, em seu entendimento, não reflete a realidade do país. Luciana espera que os *youtubers* ocupem menos espaço no mercado e, acima de tudo, tem fé que aconteça uma transformação na realidade brasileira a partir de investimentos em educação. Otimista? Sim, como ela mesma comenta, um editor (e ela ainda é, por que não?, uma editora) é acima de tudo um otimista: “Se a pessoa não é otimista, não entra nesse negócio”.

Há uma crise no mercado editorial brasileiro?

Sim. Embora o mercado brasileiro não tenha chegado a um estágio maduro, antes de alcançá-lo nós estamos enfrentando uma crise terrível, consequência da crise econômica. Mas, no caso do mercado editorial, há peculiaridades e agravantes em relação a outros setores da economia. Desde o Plano Real, que teve início em 1994, até 2014, o mercado do livro brasileiro viveu um processo de expansão. A moeda estável contribuiu imensamente e somaram-se a isso os planos de governo para aquisição de obras para bibliotecas e escolas. Chegou-se a dizer que esses planos representavam 25% do setor do livro. O fim dessas aquisições, incluindo a crise econômica mais geral, afetou o mercado do livro duramente, ainda mais porque os editores pensavam que estava tudo muito bem. Na verdade, havia uma bolha.

Sem as aquisições de governo, o cliente do mercado editorial brasileiro é o consumidor da livraria?

Exato. Subitamente, o editor teve que contar só com a livraria. E, levando em consideração o tamanho do Brasil, a cadeia livreira é pequena. O sistema escolar é precário e não forma leitores. Não há um mercado minimamente condizente com a população brasileira.

O que é um sucesso editorial?

Depende da expectativa. Se você faz uma tiragem inicial de três mil exemplares esperando que demore um ano para esgotar e os três mil exemplares acabam em poucas semanas, exigindo reimpressões e em um ano você vende mais de 10 mil exemplares, o título em questão é um sucesso espetacular. Se a tiragem inicial

é de 50 mil exemplares, as vendas atingem 30 mil e 20 mil ficam encalhados, é possível que o editor perca dinheiro e, portanto, a aposta foi equivocada. Por isso, é difícil dizer o que é um sucesso. Mas certamente há sucessos inequívocos quando se consegue vender mais de 100 mil exemplares. Quando entrei no mercado editorial, em 1995, vender 100 mil exemplares era o teto. Na Record, os livros do Sidney Sheldon atingiam essa meta. Houve uma época em que alguns livros chegaram a vender mais de um milhão de exemplares, como *O código da Vinci*, do Dan Brown.

Você foi diretora editorial da Record entre 1995 e 2012, período em que viabilizou 1.500 contratos. Qual a diferença entre o mercado editorial brasileiro naquele momento e hoje?

Mudou tudo. Trabalhei como editora no auge do mercado editorial brasileiro. A moeda havia se estabilizado, o que afetou a indústria de maneira positiva. A estabilidade da moeda causou euforia, havia aqueles planos de governo de aquisição de livros, que já mencionei, dava a impressão de que o país estava engrenando, mas infelizmente não acontecia uma contrapartida real no aumento do público de livraria. Em 2008, a crise mundial atingiu o Brasil, mas parecia que não era tão sério. A situação do mercado editorial brasileiro realmente se complicou quando a então presidente Dilma Rousseff anunciou o fim dos programas de compras de livros, em 2015.

Foi uma bomba?

Foi. Muitos editores já haviam rodado livros para entregar ao governo e, então, as compras foram suspensas. Em função das compras de governo, algumas das principais editoras >>>

OS EDITORES | LUCIANA VILLAS-BOAS

desenvolveram setores de infantis. Sem as aquisições estatais, imagine o tamanho do problema. Hoje quase não tem mais ninguém contratando livro infantil. Foi um momento terrível, mas, agora, estamos timidamente começando a sair desse quadro.

Ter publicado autores brasileiros foi uma das marcas de sua gestão na Record?

Acho que sim, mas para a empresa talvez não tenha sido um grande acerto. Afinal, não foi um segmento do catálogo que tenha sido particularmente lucrativo, embora o fato de eu ter levado a Lya Luft para a Record foi algo financeiramente significativo. Ela vendeu mais de 300 mil exemplares. Mas, enfim, me orgulho do trabalho que fiz pela literatura brasileira na empresa, seja por ter publicado obras, entre outros, do Alberto Mussa e do Miguel Sanches Neto, e também por ter editado o Manoel de Barros, o que resultou em ampla visibilidade para a poesia dele, além de um resultado significativo de vendas.

Você se arrepende de não ter publicado algum autor brasileiro na Record?

Sim. O Ronaldo Correia de Brito.

Que livro ele apresentou?

O *Galileia*. Era um período em que eu estava menos ativa, talvez abatida por algum motivo pessoal, demorei para ler e dar uma resposta. O livro foi para a Alfaguara e, posteriormente, conquistou o Prêmio São Paulo de Literatura, em 2009.

O Reinaldo Moraes tentou publicar o *Pornopopéia* pela Record?

Ele me apresentou o *Pornopopéia* sim. Também não tive tempo de ler porque a oferta sobre o editor é muito grande. Eu queria ler tudo para não contar exclusivamente com um parecer de fora. Afinal, nem sempre um parecer, mesmo envolvendo mais de um parecerista, refletia a minha visão. Mas, enfim, não pude ler o *Pornopopéia* e o Reinaldo Moraes publicou o livro pela Objetiva.

O que é um bom texto literário?

O bom texto literário é absolutamente único. Primeiro, ele tem uma linguagem que não recorre a clichês, imagens e frases feitas. É claro que essa linguagem não precisa ser necessariamente experimental, mas deve ser própria, do autor em questão. Um bom texto se define também por apresentar um enredo instigante e uma visão de mundo peculiar.

Um texto ruim seria, evidentemente, o oposto disso?

Sim. Recebo em média 80 originais para analisar por mês. Me causa espanto a quantidade de pessoas que querem se expressar literariamente, mas que não possuem intimidade com a expressão literária. Por que querem tanto isso?

Se tornou interessante ser escritor?

Não sei o que é. Ser escritor dá muito trabalho.

A literatura brasileira contemporânea recria a realidade do país?

Do que é publicado, há uma preponderância da paisagem do Sul e do Sudeste. Curioso é que na década de 1930 os autores recriavam o Nordeste. Mas não me refiro apenas a nuances geográficas. Sinto falta de pequenos recortes da vida. No Brasil, há poucos livros ambientados, por exemplo, em universidades, laboratórios científicos, bancos ou empresas. Não temos nenhuma ficção expressiva que se passe no BNDES, apesar dessa confusão na política brasileira.

O conto tem vez no mercado editorial?

O preconceito em relação ao conto acontece no mundo inteiro. Não entendo isso porque eu adoro ler contos. Ainda mais numa época que a gente tem tão pouco tempo, o conto dá a satisfação de você encerrar aquela leitura, aquele processo narrativo. Mas, enfim, é curioso. O escritor precisa ter produzido alguns romances bem-sucedidos para o editor publicar o livro de contos dele. Em geral, isso acontece porque o editor não quer perder o romancista e, então, publica os contos que



“ Não posso sair lendo diletantemente. Meu sonho de aposentadoria é ler sem qualquer compromisso, porque hoje não posso fazer isso”.



ele escreveu. Agora, gostaria que ficasse bem claro que isso é uma descrição de um quadro, não é uma avaliação minha. Não estou dizendo que isso é certo, mas é o que acontece. Os editores não gostam de publicar contos. Se você conversar com o Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras, ou com o Carlos Andreazza, da Record, ambos vão dizer que um autor não pode estreiar com um

O jornalista Marcio Renato dos Santos conversa conversa com Luciana na sede da agência Villas-Boas&Moss, no Rio de Janeiro.

livro de contos. Eles devem ter suas razões financeiras e empresariais para responder dessa maneira.

No que diz respeito ao mercado editorial, os *youtubers* vieram para ficar?

É um fenômeno diferente de qualquer outra moda anterior porque o *youtuber* reflete uma nova mídia. Não sei se a relação deles com o mercado editorial vai permanecer, mas é possível que permaneça. Porque eles têm pouco a ver com literatura. Tem uma *youtuber*, de quem não lembro o nome, que

expressou isso muito correta e honestamente. Escutei ela dizer mais ou menos o seguinte: “Publico um livro porque tudo que eu colocar no mercado vai vender. É um livro, mas poderia ser uma camiseta, um cosmético ou uma bijuteria”. Parece que os *youtubers* vieram para ficar. Espero que, pelo menos, diminua o espaço que atualmente eles ocupam no mercado editorial.

Um autor se prejudica se ficar fora das redes sociais?

Muito. Ele deve ter no mínimo um site e uma página no Facebook. Atualmente, uma editora espera que o autor faça uma campanha na internet para divulgar seu livro. Claro que há níveis de expectativa. A ficção literária não está atrelada, por exemplo, a gravação diária de vídeos, prática dos *youtubers*. Mas eu acho ótimo usar a internet para divulgar a obra. Nesse ponto, a internet ajudou muito o escritor e a difusão da literatura.

Você planejou ser agente literária?

De vez em quando, pensava na possibilidade. Mas não tinha uma motivação para sair da Record. No entanto, precisava ter mais flexibilidade para administrar meu tempo. Gostaria de poder viajar na hora em que eu quisesse. Então, foi basicamente isso que me motivou a deixar a empresa. Além disso, minha posição lá dentro tinha tomado feições distintas, na medida em que eu estava muito envolvida com o departamento comercial, com o marketing e até com o setor industrial. Tudo isso me impedia de ter um relacionamento mais direto com os autores, que era um trabalho que eu gostava muito de fazer. Queria recuperar esse envol- >>>

OS EDITORES | LUCIANA VILLAS-BOAS

vimento com os escritores. Nunca pensei em abrir a minha editora, mas estava disposta a recomeçar como agente literária.

Você é agente literária desde 2012. Representa quantos autores?

Atualmente são 40 autores, mas é preciso levar em consideração que também represento listas de catálogos de editoras e de agências internacionais para o Brasil, o que é muito importante para a economia do meu negócio.

O que os 40 autores brasileiros que você representa esperam da sua empresa?

Os novos autores esperam colocação em uma editora, enquanto os escritores consagrados muitas vezes têm expectativa de serem traduzidos para outros idiomas. A expectativa, portanto, varia.

Muitos autores procuram o serviço de sua agência?

Recebo no mínimo 50 solicitações por mês.

Qual o seu critério para representar um autor?

A obra. Pela primeira mensagem já sei se vale, ou não, representar. Afinal, um livro exige muito tempo. A literatura é a forma de expressão artística mais desafiadora e exige muito mais do seu apreciador do que qualquer outra, mais do que as artes visuais, a música, o teatro e o cinema. Em duas horas, você consegue emitir uma opinião sobre um quadro, uma escultura, um álbum, um filme ou uma peça de teatro. Já um livro exige pelo menos meia hora para decidir se você vai continuar a leitura ou não. Literatura pede uma demanda de tempo justamente numa época em que as pessoas não têm tempo, e isso gera conflito. É curioso. As pessoas chegam pra mim, e dizem: “Não precisa me representar, eu queria só a sua leitura”. Como assim só a minha leitura? Meu tempo e meu nome são os únicos capitais que possuo. Não posso sair lendo diletantemente. Meu sonho de aposentadoria é ler sem qualquer compromisso, porque hoje não posso fazer isso. Então, tenho que ser muito criteriosa, mesmo, em relação ao que vou ler.

Qual foi o último livro que você leu por lazer?

O homem que amava os cachorros, do Leonardo Padura. Li e adorei. É uma obra brilhante sobre o século XX, o autoritarismo e a natureza humana. Incomparável. É um livro imperdível.

Ainda sobre os autores que representa: você exige deles algum tipo de atitude?

Não. Se cumprirem o contrato, já está ótimo.

Você dialoga como todas as editoras brasileiras?

Sim, com todas. Evidentemente que algumas editoras, que não vou dizer quais, são melhores de trabalhar do que outras. É importante ressaltar que as empresas editoriais brasileiras apresentam um padrão de negócio, no que diz respeito a pagamento e atenção, tão bom quanto qualquer editora da Europa ou dos Estados Unidos. Mas tenho uma crítica a fazer. Os editores do Brasil não buscam ativamente o grande romance brasileiro.

Nenhum editor busca isso?

Não.

Atualmente não temos o grande romance brasileiro?

Não. Infelizmente, é um conceito que não existe no Brasil. Nos Estados Unidos, o *great american novel* é um conceito que ninguém questiona. Eles vivem em busca disso.

Mas no passado já tivemos grandes romances brasileiros.

Mas você acha que havia essa percepção de que era o grande romance brasileiro? Tivemos sim pelo menos dois grandes romances brasileiros: *Vidas secas*, do Graciliano Ramos, e *Grande sertão: veredas*, do Guimarães Rosa. O livro do Graciliano, publicado em 1938, é o grande romance brasileiro da primeira metade do século XX, enquanto a obra do Guimarães Rosa, de 1956, é o ponto alto da segunda metade do século passado.

São obras de um outro tempo.

Naquela época, as classes médias intelectualizadas tinham sintonia com a produção literária, que era bem

mais divulgada do que a literatura contemporânea é atualmente. Mas, é preciso acrescentar, esses dois livros se tornaram os grandes romances brasileiros com o passar do tempo. Eles foram se consagrando progressivamente. De qualquer maneira, não vejo hoje a busca do grande romance brasileiro por parte da maioria dos editores, muito menos por parte dos leitores.

Os autores pensam em escrever o grande romance brasileiros?

Acho que não. Eles nem chegam a formular isso: quero escrever o grande romance brasileiro.

Você admira a ficção histórica pelo fato de ter estudado História?

Ficção histórica é o que eu gosto de ler. Acho que fui estudar História por gostar de compreender os fenômenos diacronicamente. Gosto de entender origem, evolução e fim. Não tenho uma cabeça estrutural sincrônica, mas uma cabeça diacrônica. Gosto de livros que oferecem uma visão do sentido da História, de como aquele momento se desenvolveu e como poderia ter sido diferente. Porque as histórias das sociedades e as histórias individuais são regidas pelo mesmo miserável acaso e sorte. Então, é divertido perceber o sentido de uma vida, de uma sociedade ou de um grupo pela literatura.

O que te levou ao jornalismo?

Me formei em História e fui contratada pela TVE, aqui do Rio de Janeiro, para fazer roteiros de filmes institucionais. Trabalhei no telejornalismo da Rede Globo, na revista *Veja* e no *Jornal do Brasil*, onde fiquei 10 anos e atuei nas editorias de nacional, internacional, política e cultura. Fui editora do caderno



“Ideias”, onde comecei a estabelecer laços com editores. Percebi que gosto mesmo é de livro, não de notícias.

Gostava de escrever resenhas no “Ideias”?

Sim. Escrevi muitas resenhas, mas eu sou muito exigente quando escrevo, então, escrever, para mim, é muito sofrido.

Seja quando estava na Record, e mesmo agora como agente literária, costuma editar, dar dicas para os autores ou mesmo cortar e modificar textos?

Nem sempre, mas com alguns autores sim. Uma primeira leitura todos gostam. Às vezes, dou bastante dicas. Em outros casos, o texto já está pronto.

Você disse que saiu da Record para ter mais tempo livre. Conseguiu?

Recebo pelo menos 100 e-mails por dia e respondo uma média de 100 e-mails diariamente. Além disso, há os textos que preciso ler e dar resposta. E, às vezes, um autor ansioso manda um e-mail e fica furioso porque não respondi rapidamente, mas, apenas no dia seguinte. Aí, dá vontade de dizer *bye-bye*.

No início da conversa, você comentou que o mercado está saindo de uma crise. Há expectativa de que está chegando um período mais próspero?

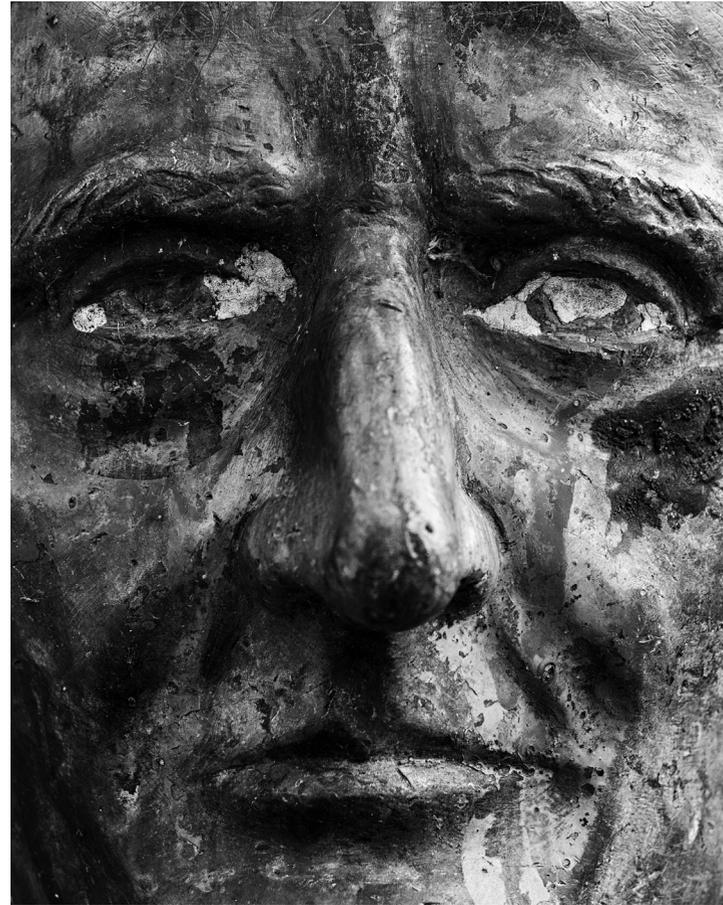
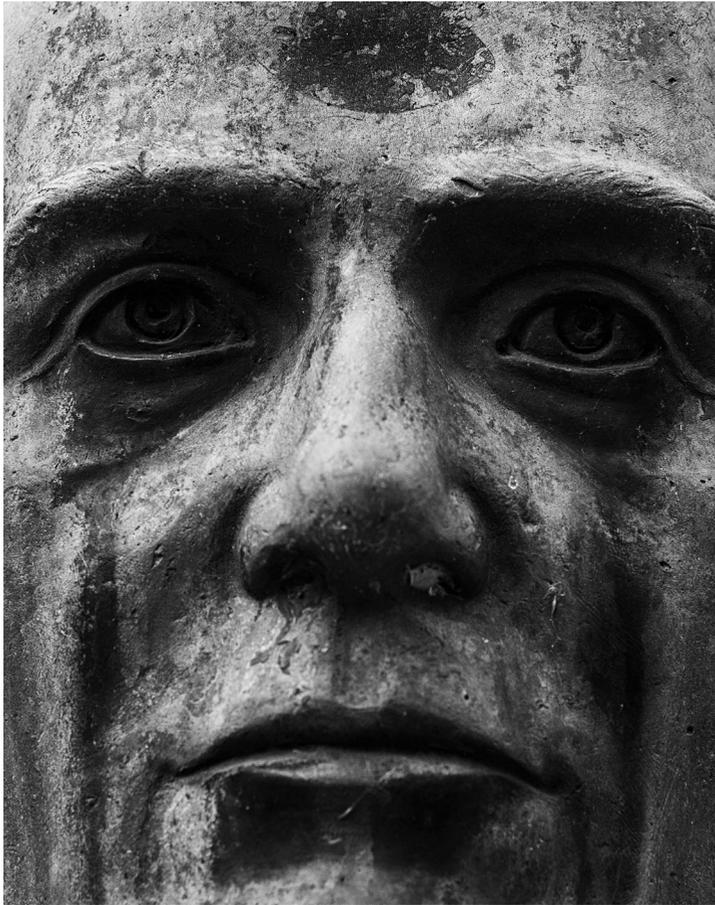
O editor é um otimista. Se a pessoa não é otimista, não entra nesse negócio. Pensando em longo prazo, o editor brasileiro tem muitos motivos para ser otimista. Nenhum país do mundo tem um potencial de crescimento do mercado de livro como o Brasil. Os países europeus são, em média, pequenos. Os Estados Unidos já atingiram o auge e a China também está se aproximando do que pode ser o limite de seu público leitor. No Brasil, podemos agregar milhões ao mercado do livro. Basta ter escola decente. É necessário uma rede escolar. Tivemos 13 anos de um governo socialista [Lula e Dilma] que não quis cuidar dessa área. Então, vamos ter que criar uma rede escolar que forme leitores. No dia em que tivermos isso, teremos alguns milhões de pessoas que vão comprar livros na livrarias, o que é motivo para apostar no mercado do livro brasileiro. Algum governo ainda vai levar a sério a questão de oferecer educação para o povo. Não é possível que continue assim, do jeito que está, indefinidamente. ■

> NA PRÓXIMA EDIÇÃO, ENTREVISTA COM **EDUARDO LACERDA**.



CLIQUEJES EM CURITIBA

 Ilustríssimos Senhores, ensaio de **Rafael Dabul**, aborda a modificação do significado original dos bustos erigidos em praças no Centro de Curitiba, bem como o papel desses monumentos na cidade contemporânea. Dabul é fotógrafo comercial e editorial, especializado em fotografar pessoas, viagens e comida. Depois de se formar em Publicidade e Propaganda na PUCPR, viveu 5 anos nos Estados Unidos, onde estudou e trabalhou com fotografia. Atualmente vive em Curitiba. Outros trabalhos do fotógrafo podem ser conferidos em www.rafaeldabul.com.





HARPAS DO VENTO

Não foram as harpas do vento
a serenizar a noite inquieta
em que te encontras suspenso
no pêndulo de uma solução.
Como é miserável a conclusão
tardia a resposta
que a bem da verdade você
até já conhecia & se enchia
até não poder mais de tanto eu.
Não foram as harpas do vento
foram asas de anjos chapantes
descaindo, deslizantes
em pleno quintal
ao eterno entardecer de agosto
e do resto
dos loucos varridos
pelo vendaval.



Maurício Arruda Mendonça nasceu e vive em Londrina (PR). É poeta e dramaturgo. Publicou os livros de poemas *Eu caminhava assim tão distraído* (1997), *A sombra de um sorriso* (2002) e *Epigrafas* (2002). Como tradutor publicou, a antologia *Trilha forrada de folhas – Nenpuku Sato, um mestre de haikai no Brasil* (1999) e *Sylvia Plath, Poemas* (1991). É graduado em Direito e Doutor em Letras na Universidade Estadual de Londrina, defendendo tese sobre Kafka e Schopenhauer.